

Na Ponta do Lápis

ano IX – número 23
dezembro de 2013



**todas as vozes
escrevendo
um novo futuro**

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação
Sônia Madi

Texto e edição
Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Revisão
Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

Edição de arte
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração
AGWM Editora e Produções Editoriais

Tiragem
240.000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Contato com a redação
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



“Então, escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu.”

Clarice Lispector

“Escrever as entrelinhas”, in: *A descoberta do mundo*. Rocco, 1999.

editorial

A Olimpíada mais esperada do Brasil já vai começar

4

entrevista

Eliane Brum

Existir pela palavra escrita

6

reportagem

Em busca da voz que traz vida, segredo e revelação

12

especial

Sequência didática: por que trilhar o caminho proposto

16

tirando de letra

Por que vale a pena participar da Olimpíada?

22

de olho na prática

Cadernos Virtuais: a cultura digital presente na sala de aula

26

página literária

Milton Hatoum

“A parasita azul” e um professor cassado

32

óculos de leitura

Mia Couto

Encontros e encantos – Guimarães Rosa

36

indicações

Para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

42

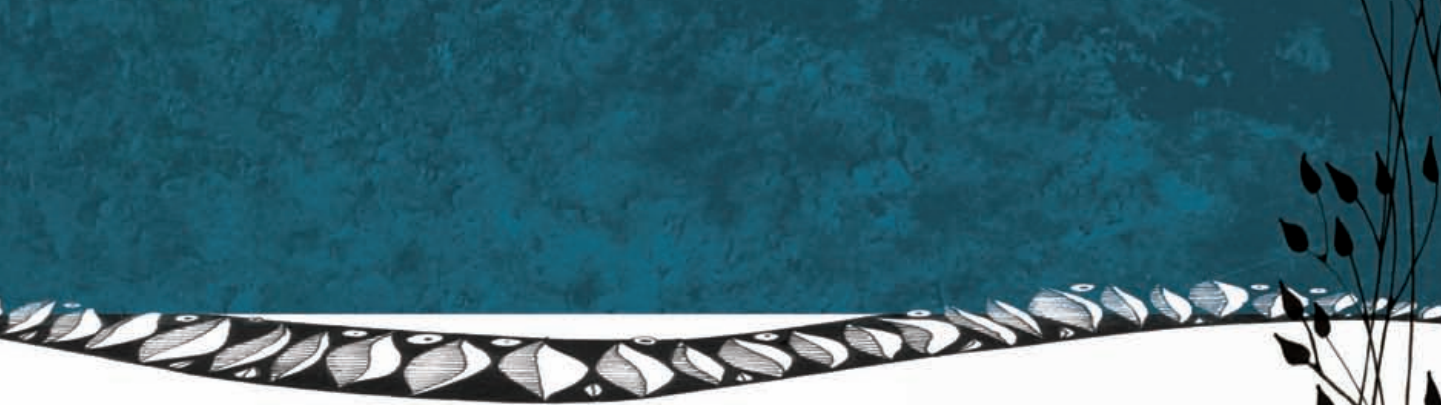
A Olimpíada mais esperada do Brasil já vai começar

A grande novidade para 2014 não poderia ser outra: em fevereiro têm início as inscrições para a 4ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Mas a mobilização e a preparação podem começar antes.

Uma sugestão é incluir no planejamento curricular para 2014 não só a sua participação e a de seus alunos como as atividades propostas nos materiais da Coleção da Olimpíada. Também é importante que comuniquem com antecedência à coordenação pedagógica e à direção da escola a sua vontade de participar. E não se esqueça de convidar os colegas. O trabalho em equipe, com a troca de ideias e experiências, sempre rende melhor, além de ser colaborativo e mais prazeroso.

Esta edição traz encartado um presente especial e inédito aos nossos leitores: um DVD com a versão virtual dos Cadernos do Professor – *Poetas da escola*, *A ocasião faz o escritor*, *Se bem me lembro...* e *Pontos de vista*. Neles você encontra novas propostas de trabalho e pode conhecer melhor a metodologia da sequência didática para o ensino de gêneros em língua portuguesa. O DVD não traz simplesmente a reprodução da publicação impressa. Os Cadernos foram totalmente reeditados e adaptados para a versão virtual, com *links* acessados diretamente deles, som e imagem (ilustrações, fotos e filmes); espaços para anotações que podem ser salvas pelo professor; textos que ele pode imprimir ou projetar; e muitos outros atrativos. Fáceis de navegar, eles também vêm com outra grande novidade: cada Caderno tem um jogo eletrônico ou mais, com atividades para os alunos se divertirem enquanto aprendem ou para aprenderem enquanto se divertem. Os jogos têm desafios relacionados ao gênero estudado e podem ser praticados individualmente ou em dupla.

A expectativa é que esta edição da Olimpíada supere as anteriores em todas as dimensões. Queremos atingir mais estudantes, mais professores, mais escolas e mais cidades. Queremos contar com a participação das comunidades na torcida, no apoio



e no envolvimento no trabalho que alunos, professores e escolas vão realizar. Queremos que os textos finalistas ou não – na escola, no município, no Estado ou na região – sejam divulgados, lidos, apreciados, refletidos e acarinhados em suas comunidades, dentro e fora da escola – na rua, no bairro, na cidade, no país. Quando um estudante escreve sobre o lugar onde vive, ele leva consigo toda a comunidade.

Fique atento e contente, pois a Olimpíada mais esperada do Brasil já vai começar.

■ Nesta edição

Entrevista exclusiva com a premiada jornalista e escritora Eliane Brum, em que “narra” sua trajetória de vida, sua relação com os livros, com as palavras e com a escrita. Eliane fez parte do júri que escolheu os textos vencedores da Olimpíada de 2012, participou também do “Seminário Nacional Olimpíada em Rede”, realizado no final de outubro em São Paulo, que é o tema da nossa reportagem.

Não apenas presentearmos vocês com o DVD que contém a versão virtual dos Cadernos do Professor como publicamos um artigo dos editores do material, Jéssica Nozaki e José Alves, trazendo informações e dicas de como utilizá-lo. Aliás, sobre esse assunto, o artigo “Sequência didática: por que trilhar o caminho proposto”, de Sônia Madi, coordenadora da Olimpíada, pontua a contribuição valiosa do professor para a construção das capacidades de linguagem.

Ainda, para seu deleite, textos de dois importantes escritores contemporâneos da língua portuguesa: a crônica do amazonense Milton Hatoum, “A parasita azul e um professor cassado”, e a escrita fabulosa do moçambicano Mia Couto, “Encontros e encantos – Guimarães Rosa”, falando de um dos maiores nomes da nossa literatura.

Queremos encontrá-los na 4ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Até lá!

Boa leitura, e um ótimo início de 2014.

Existir pela palavra escrita

A delicadeza e o tom suave e pausado da voz não deixam transparecer, à primeira vista, o universo de histórias do mundo e de si mesma que Eliane Brum traz. É no transcorrer da conversa, alternada entre o “tu” e o “você”, ou misturando os dois, que a premiada jornalista e escritora gaúcha enreda o interlocutor como se estivesse narrando uma boa história ou uma empolgante reportagem, quase a mesma sensação que se tem ao ler seus textos publicados na imprensa – no fim de novembro ela estreou como colunista, em língua portuguesa, da edição para internet do jornal espanhol El País. Eliane falou de experiências pessoais, da relação com os livros, com as palavras, do ato vital de escrever e das delícias da “melhor profissão do mundo”, a de repórter.

Luiz Henrique Gurgel

■ Quase sempre iniciamos nossas conversas querendo saber da história do entrevistado como leitor. Como foi seu caminho pela leitura e pela escrita? Que papel teve a escola?

Minha história com os livros começa antes de eu saber ler e escrever, ouvindo meu pai. Minha família é de agricultores, imigrantes italianos, que foram parar na zona rural de Ijuí, num povoado chamado Picada Conceição. Meu pai foi o primeiro que estudou, por conta de uma história de romance, que se passa no final do século XIX: o filho de um grande estancieiro, parente do general Andrade Neves, família tradicional do

Rio Grande, se apaixonou por uma escrava; ela engravidou e, ao contrário do que faziam os homens daquela geração, ele assumiu o filho e o amor, mas foi deserdado. A escrava – nunca descobri o nome dela – morreu, e esse homem, criado para ser um grande general ou advogado, começou a peregrinar pelo Rio Grande do Sul como professor, com sua filha mulata, que se chamava Luzia. E foi a Luzia com o pai dela, Sabino Andrade Neves, que chegaram à Picada Conceição para fazer uma escolinha. Graças a essa escolinha meu pai aprendeu a ler e a escrever. Por um tempo ficou repetindo o mesmo ano, até que não tinha mais para onde ir e a própria Luzia o colocou em uma charrete, levou-o à prefeitura e disse: “Esse guri precisa de bolsa para estudar” – meu pai vai parar no internato e continua os estudos até virar professor.

Eu nunca conheci a Luzia, ela está enterrada no cemitério desse povoadinho, e meu pai – hoje com 83 anos – nos leva lá todo ano, dizendo: “Essa mulher, Luzia, foi quem nos tirou da ‘cegueira’ das letras”. A Luzia, esse nome meio profético, deu à luz pelas letras. Aí começa o meu interesse pelas letras.



Marcia Minillo

■ E você já tinha ideia de que ler e ter contato com os livros era transformador?

Intuíta: pelo que meu pai dizia de Luzia, pelo que via no rosto dele quando falava dela, mas não sabia que mistério era esse, sabia que tinha algo importante quando as pessoas liam. Sou filha “temporã”, tenho dois irmãos mais velhos e outra irmã, que vinha depois, mas morreu. Quando nasci, todo mundo já lia e, na minha família, todo mundo lê muito. Então, eles ficavam lendo e eu ficava impressionada com aquilo, cada um tendo as expressões mais diferentes possíveis: rindo, chorando. E eu estava fora daquele mundo. Quando começo a ler, me transformo de uma maneira que não sabia que era possível. Fui uma criança muito triste, desde muito pequena tenho uma aflição da vida, como uma coisa árida, e do mundo, como uma coisa bastante dolorosa. Sempre fui muito mais uma “escutadeira” e uma “olhadeira” que uma “faladeira”; quando ia à zona rural, ficava escutando as histórias dos meus parentes.

■ Você chega à escola com essa história?

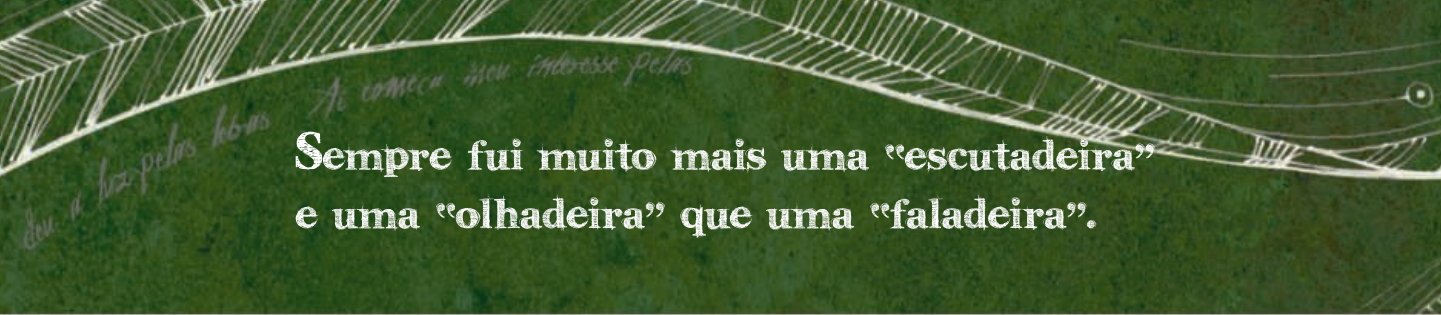
Sim, mas com a perspectiva de que algo vai me transformar. E transforma, porque é a partir dos livros, da palavra escrita, que minha vida passa a existir.

Passo a ler compulsivamente e descubro que pelos livros posso ser alienígena, vampiro, fantasma, bicho, planta, fada, duende... posso ser muitos, posso penetrar outras vidas, ir para outros mundos, e é isso que a leitura me dá, é como um portal. Apesar de minha mãe ser professora de literatura e meu pai, de história econômica, os dois deram aulas de português. Eles nunca me disseram o que ler ou proibiram qualquer leitura, porque entendiam que a descoberta era de cada um. Eu ia para as prateleiras da nossa biblioteca e começava a procurar. Minha busca era orientada pelos meus interesses, encontrava todas as minhas respostas nos livros. A minha iniciação sexual, devo aos escritores. Conhecia de cor quais eram as páginas mais picantes de *O cortiço* e de *Dona Anja*. Com 10 anos eu tinha lido toda a coleção do José de Alencar, mesmo os livros que eu achava muito chatos. A certa altura a biblioteca dos meus pais ficou pequena e aí vai entrar outra pessoa na minha vida, que é a Lili Lohmann. Uma moça de ascendência alemã que trabalhava na livraria da cidade. Eu chegava à livraria, ficava em um canto, lendo. A Lili tinha uma cara muito sisuda e séria, mas me deixava ficar lá. Um dia, ela fez um gesto, não falou nada, botou uma escada, eu era pequena para alcançar os livros mais altos. Alguém reclamou que eu lia sem pagar e ela criou um cargo para mim, eu era a consultora dela para dizer se podia ou não comprar os livros.

■ Você foi trabalhar na livraria?

Não, ficava lá lendo. Uma noite, eu estava na redação da revista *Época* e toca o telefone, era a Lili. Ela tinha me achado lendo uma das minhas colunas e foi maravilhoso poder dizer o quanto ela tinha sido importante para mim. Eu contei a história dela em uma coluna¹. A gente tem contato, mando meus livros, e talvez eu não seria escritora e jornalista se não

1. Saiba mais sobre a Lili em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI74307-15230,00-A+HISTORIA+DE+LILI+LOHMANN.html>>.



deu a luz pelas mãos. Já começa meu interesse pelas

Sempre fui muito mais uma “escutadeira” e uma “olhadeira” que uma “faladeira”.

fosse a Lili, se não fosse a Luzia, os meus e tanta gente que faz parte da minha vida. Na minha história com a escrita fiz o caminho de casa e da livraria.

■ E como foi perceber que escrever era o que você queria fazer na vida?

Escrever era a coisa mais importante para mim. Quando falo que a palavra escrita me deu a possibilidade de viver, não é força de expressão, é concreto. Não sei se continuaria viva se não tivesse a escrita, porque realmente eu era muito triste. Aos 9 anos, escrevi a minha primeira poesia, e ela veio dessa dor de existir. Era um domingo chuvoso, acordei mais cedo que todo mundo e novamente sentindo uma dor grande. Comecei a escrever e aquilo foi libertador, porque transformei a dor em palavra, fiz uma marca. Foi minha primeira poesia, e a partir desse momento passo a escrever sem parar, em guardanapo, em pedaço de papel, e vou deixando pela casa. Meu pai vai recolhendo isso, e um dia junta tudo e faz um livro chamado *Gotas da infância*. Assim, lanço meu primeiro livro com 11 anos, e foi um grande momento, mas ao mesmo tempo muito difícil, porque eu me senti desnudada.

■ E essa ligação com a escrita permaneceu com você?

Eu só parei quando engravidei, aos 15 anos; depois retomei. Mas, quando chegou a hora de fazer faculdade, eu estava muito perdida, não sabia o que fazer. Fiz o primeiro vestibular para biologia, porque queria estudar os insetos. No segundo, fui me inscrever para informática, talvez para aprender o que menos sabia, mas uma amiga disse que teria muita matemática. Acabei optando por jornalismo, que fiz na PUC-RS, e por história, na UFRGS. Até o final eu achava que não servia para ser jornalista, era muito tímida, e também porque não me reconhecia no que lia nos jornais, até que conheci o professor que mudou a minha vida.

■ Você teve um professor que mudou sua vida?

Eu tive um professor que mudou a minha vida. Provavelmente não seria jornalista se não fosse ele, Marques Leonan, um baixinho “gigante”. Ele é extraordinário, foi um grande repórter e dava aula de redação. Trouxe reportagens que eu nunca tinha visto no Brasil, do *New Journalism* americano, reportagens incríveis. Contava histórias de gente, onde a vida estava nas frases, nas entrelinhas, nas vírgulas. E ele falava com muita paixão nas palavras. Fiz a reportagem das “filas”. Escrevi quais são as filas que a gente entra desde que nasce até morrer. Hoje não é uma reportagem tão inusitada, mas naquela época era. O Leonan achou ótima. Foi extremamente importante ele ter dito que eu sabia escrever e ter reconhecido a minha escrita. Descobri que ser repórter é a melhor profissão do mundo, que eu podia transformar não só a minha dor, mas também a dor do outro em palavra. Primeiro faço intuitivamente, depois conscientemente, a minha escolha pelas pessoas ditas comuns. É para demonstrar que não existem vidas comuns, o que existe são olhos domesticados e esses não podem ser os nossos. Toda vida é extraordinária, é singular, é única. E quando a gente consegue olhar isso no outro nossa vida fica grandiosa.

■ Você diz que é mais “escutadeira” que “faladeira”. Como a pessoa se entrega e confia a própria história a você? Existe uma técnica?

Não acho que exista uma técnica. É um encontro. É um “escutar” em todos os sentidos. Não se escuta só o que é dito, mas também o que não é dito, que às vezes é tão importante quanto escutar o silêncio, as hesitações. Só que, para ser capaz de fazer essa escuta, precisa fazer um movimento interno antes de sair de casa, esse movimento exige muita entrega, e o desejo de se entregar é uma escolha, cada um escolhe o jeito de fazer e vai se aprimorando ao longo da vida. Para ser capaz de alcançar o outro, precisa se despir



Marcia Minillo

de si, da sua visão de mundo, dos seus preconceitos, dos seus julgamentos, para ir em direção ao mundo do outro e, mais que isso, ver um mundo que é o do outro. É claro que há sempre uma mediação, mas é esse movimento que nos garante e nos protege de não falhar nessa escuta. Isso não é fácil, porque depois você precisa fazer o caminho de volta. Quando experimenta ser o outro, tu já não és mais o mesmo. Se vou fazer uma reportagem, aquela que foi não volta mais, porque eu sou habitada em outra experiência diversa, que transforma e me enriquece. Eu tenho muita dificuldade nessa volta, pelo tamanho da entrega. Escrever uma reportagem ou a história de outro é uma gravidez. Meu parto é quando eu escrevo. De novo, só é possível viver quando transformo aquilo tudo que está dentro de mim em palavra escrita.

■ **O que você acha mais interessante para o estudante pensar em fazer quando vai conversar com uma pessoa mais velha e colher a história dela?**

Cada um faz de uma forma intuitiva. É importante escutar concretamente e não interromper achando que sabe o que ela vai dizer ou induzindo que ela diga o que tu

queres ouvir, que cabe na tua tese, ou porque tens pressa. Não tem tempo na escuta, eu interrompo o mínimo possível. Hoje em dia eu não faço nem a primeira pergunta, porque acho que ela já induz a pessoa a me dizer o que eu quero ouvir, a perceber meu interesse. Ela vai tentar corresponder às minhas expectativas. Às vezes acho que a primeira pergunta pode ser uma forma de controle. Então, quando a primeira pergunta pode ser evitada, eu evito. O que faço é dizer: “Me conta...”. É extraordinário. As pessoas começam a contar por lugares e detalhes que eu jamais imaginaria, com resultados que não teria de outra maneira, se eu conduzisse. Essas pequenas orientações, de quando vai entrar na casa de alguém, tu precisas ter a consciência de que, quando aquela pessoa abre a porta, ela te dá algo grandioso, tem que ter profundo respeito por isso. Os melhores textos que li da Olimpíada tinham uma capacidade imensa de escuta. Tu vês as palavras, o ritmo e claramente quem escreveu.

■ **Com qual “pessoa” você se identifica e usa mais, “tu” ou “você”?**

Eu uso as duas pessoas, mesmo. Mais o “tu”, muito mais, mas às vezes misturo com o “você”, uma mescla dos dois mundos em que vivo, venho do sul e estou morando em São Paulo... Estou sempre em trânsito. Às vezes causa um estranhamento, quando uso o “tu”, na linguagem oral, conjugo o verbo na terceira pessoa do singular, o que é “errado”, na norma culta. Mas é como todos os gaúchos falam; eu uso mais tu, mas misturo os dois.

■ **Em algumas das suas reportagens você foi participante, conviveu por longo tempo nos lugares e com as pessoas, tinha um volume grande de informações, sensações, histórias e experiências. Como organiza isso quando vai finalizar o texto?**

Uma matéria que eu fiz – foram 115 dias –, acompanhei a vida da Ilse, que tinha um câncer incurável. Eu anoto tudo no meu bloquinho. Não só o que as pessoas dizem, mas



também se entrou um cheiro de bolo, se alguém abriu a porta, se a pessoa fez um gesto, se ela hesitou... tudo isso está no meu bloquinho. Quando olho, tenho anotado até meus sentimentos. Eu sei reproduzir exatamente o que estava sentindo naquele momento, com as minhas percepções, com tudo. O que faço é ler tudo o que escrevi e vou marcando em cores diferentes as coisas mais importantes. Por exemplo, em amarelo são coisas que as pessoas disseram; em azul, coisas que eu observei. Feito isso, eu vou para o computador e não olho nada, porque aquilo está dentro de mim, e escrevo como uma leitora. Meu romance foi assim, como as reportagens. Vou escrevendo e descobrindo para onde as pessoas estão me levando. Então, meu texto é uma surpresa para mim também. Quando termino, vou para os papéis checar se a frase é exatamente o que a pessoa disse. Checo linha por linha, palavra por palavra, e toda informação, para não trair ninguém. Na minha coluna semanal, por exemplo, ficava das 5 às 10 horas da manhã revisando frase por frase. A gente precisa ser paranoico com as informações, com a construção da frase. Quando dá tempo, faço uma leitura em voz alta, para perceber o ritmo, se tem palavra sobrando, se o texto não desafina.

■ **O que é mais importante para um repórter: o "faro", ser observador para buscar boas histórias? Ou a intuição? Ou é uma mistura das duas coisas?**

Para um repórter, o principal instrumento é a escuta. Mas o fundamental, no processo de reportagem, é estar aberto para o espanto. E isso não só na reportagem. Tu não podes saber o que vai acontecer quando virar a esquina – essa é a graça. Quando pretendes fazer uma reportagem, tu estudas muito sobre o que já foi feito, sobre o que já foi tema. É obrigatório estudar muito! Exatamente para se perder. O contrário disso é ter uma tese feita dentro da redação, dentro do seu umbigo e ir para a rua comprovar tua



Fotos Marcia Minillo

tese. A melhor reportagem ocorre quando dá tudo errado, quando vais para a rua esperando uma coisa e surpreendentemente ser capaz de enxergar a realidade que descobres ser outra história – aí é que chega o novo. Reportagem sempre começa pelo espanto, pela coragem de se perder e de se movimentar pelas dúvidas. É um processo de ficar quebrando as tuas certezas, por isso a posição do repórter é de imensa fragilidade.

■ **Na sua experiência com ficção, a liberdade é maior por estar menos atrelada a uma situação concreta?**

Eu tinha ilusão de que quando fosse escrever ficção teria total liberdade. Isso se comprovou ser ilusão. O que ficou claro na minha experiência é que a coisa mais interessante é se arriscar e ser possuído por si mesmo. Essa é uma experiência que, para mim, foi dilacerante, bem difícil de sustentar. Dia após dia, eu tinha a impressão de que encenava a minha vida concreta e vivia na minha ficção durante todo o tempo. Eu escrevia possuída por isso, eu não sei até onde ia a liberdade. *Uma duas* é a história da relação entre uma mãe, Maria Lúcia, e uma filha, Laura. A minha ideia era que o livro fosse



Quando dá tempo, faço uma leitura em voz alta, para perceber o ritmo, se tem palavra sobrando, se o texto não desafina.

narrado pela Laura, só que, certa noite, eu acordei com a voz da mãe na cabeça. Era voz rascante, como quando uma unha passa em um quadro-negro. Nunca tinha ouvido vozes na minha vida e ouvi essa voz. Eu ouvia e ela me dizia: “Essa tua história está errada, eu quero dar minha versão”. E a história começou a se escrever por conta própria e eu tinha essa sensação, uma experiência bem curiosa e um tanto aterradora.

■ **E o seu interesse em conhecer o Brasil e a Amazônia? Como é isso?**

Sou fascinada pela escuta do povo brasileiro, apaixonada. Conheci o Brasil quando fiz minha primeira grande reportagem, que foi “Coluna Prestes”, e ouvi pessoas que nem eram rebeldes nem governistas, eram pessoas que viviam no caminho, anônimas; eu descobri o Brasil nessa travessia de 25.000 quilômetros. Fazendo essas reportagens e escutando as pessoas, fui ficando totalmente fascinada pelas formas como elas contam sua história. O brasileiro tem uma diversidade imensa, tem achados de linguagem, tem formas narrativas de uma riqueza extraordinária,

muitas vezes estive diante de analfabetos, que eu tive vontade de me ajoelhar na frente deles, porque esse cara ou essa mulher está fazendo literatura pela boca e estou tendo a honra de escutar isso. Por exemplo, na reportagem “As parteiras da floresta” tem Dorica, que é uma parteira indígena, índia Caripona, 96 anos. Para Dorica, o português é a segunda língua, ela é analfabeta e só fala em português comigo, por extrema gentileza, porque eu não falo a língua dela. E na segunda língua dela, essa mulher me diz: “A parteira povoa o mundo, nas horas mortas da noite”. A frase é bela. Então o que eu faço é só escutar o que elas contam, com seu ritmo, com uma forma de interpretar a vida e de olhar o mundo. Eu me sinto muito privilegiada. Cada lugar do Brasil tem sua particularidade, moldada pela geografia, pela brutalidade, pela relação com o Estado, é todo um mundo falado pela linguagem, que é absolutamente fascinante. Tenho certeza absoluta de que a literatura brasileira iria ser mais rica, se as pessoas tivessem educação de qualidade e pudessem também escrever, porque a narrativa oral do Brasil é impressionante.

twitter oral



Uma pergunta ou um mote para Eliane Brum responder em até 140 toques.

Ficção ou realidade? Nossa vida é a nossa primeira ficção.

Dos cinco sentidos, qual sentiria mais falta? Escutar.

História que ainda não contou, mas quer contar? A que eu ainda não descobri.

Vida de repórter é aventureira? É. A maior aventura é se arriscar ao outro.

Você vive para escrever ou vive por que escreve? Vivo porque escrevo.

O avesso da narrativa: A morte.

Leitura voraz de... Tudo.

Sentido da vida... Construir sentido.

Tem alguma história lhe tirando o sono? Tem coisa demais me tirando o sono. Tenho de terminar um livro, escrever uma reportagem e começar um documentário.

Nascida em Ijuí (RS), Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Autora do romance *Uma duas* (Leya, 2011) e de três livros de reportagem: *Coluna Prestes – O avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994), *A vida que ninguém vê* (Arquipélago Editorial, Prêmio Jabuti 2007) e *O olho da rua* (Globo, 2008), além de codirigir dois documentários: *Uma história Severina* (2005) e *Gretchen filme estrada* (2010). Ganhou mais de quarenta prêmios nacionais e internacionais de reportagem.

Em busca da voz que traz vida, segredo e revelação

Ela foi a grande metáfora que permeou praticamente todos os temas apresentados e debatidos no “Seminário Nacional Olimpíada em Rede”, que se realizou no final de outubro, em São Paulo. As vozes de estudantes, professores e comunidades pensadas como meio de expressão e de apropriação da palavra escrita.

Luiz Henrique Gurgel

O encontro ocorreu em São Paulo, nos dias 30 e 31 de outubro. Quem caminhasse pelos corredores que davam nas salas para convenções do hotel ouvia muitas vozes em conversas e debates acalorados. Sinal da presença viva e concreta de uma rede espalhada pelo Brasil e que coloca em ação a engrenagem da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Nesse encontro realizava-se o segundo seminário nacional do projeto – “Olimpíada em Rede” –, reunindo quase trezentos educadores e especialistas de todos os Estados do país para discutir questões relacionadas à formação de professores, às ações com mediadores de cursos a distância e à articulação entre as diversas

organizações que compõem a chamada “Rede de Acoragem”, formada por representantes das Undimes, do Consed e de docentes de universidades públicas. Há mais de dez anos, desde o Programa *Escrevendo o Futuro*, que deu origem à Olimpíada, essas instituições e seus representantes mantêm diálogo entre si e com as equipes da Fundação Itaú



“Encontramos uma fórmula de dar voz aos jovens. Podemos olhar para trás e ver o que disseram e continuar a ver o que estão dizendo de norte a sul do país, nas pequenas e grandes cidades.”

Antonio Matias,
vice-presidente
da Fundação Itaú Social

Social, do Ministério da Educação e do Cenpec, fundamental num projeto que envolve milhões de estudantes e professores.

O que ficou marcado desde a abertura oficial do evento foi a ideia de que a Olimpíada possibilita aos estudantes brasileiros tomarem posse e soltarem o verbo por meio da palavra escrita. “Encontramos uma fórmula de dar voz aos jovens. Podemos olhar para trás e ver o que disseram e continuar a ver o que estão dizendo de norte a sul do país, nas pequenas e grandes cidades”, afirmou Antonio Matias, vice-presidente da Fundação Itaú Social.

Para Maria Alice Setubal, presidente do Conselho do Cenpec, “as vozes que estão por trás dos textos expressam uma conexão dos jovens com as temáticas do mundo contemporâneo”, sinal de interação com o professor, com a comunidade e com o conhecimento.

“A partir da apropriação da língua escrita é possível intervir no mundo e transformá-lo”, disse, por sua vez, Monica Franco, representante do MEC, na abertura do evento.

■ O novo desafio da Olimpíada

Ao falar que o programa e sua metodologia já têm o reconhecimento da escola e da academia, Sônia Madi, coordenadora da Olimpíada, reforçou o coro ao dizer o que almeja daqui por diante: “Qual é o desafio agora? É saber como dar um salto para que os estudantes tenham mais voz no que escrevem”.

Não à toa, a questão a que ela e os outros se referem estava presente logo na abertura do encontro e, de certa forma, permaneceu nas outras atividades do seminário. A primeira comunicação apresentada foi o estudo “Ecos das cidades na voz dos jovens”, coordenado por Maria Tereza Cardia, da equipe da Olimpíada. Iniciado em 2011, o trabalho analisou e categorizou 600 textos do gênero artigo de opinião, escritos por estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio que participaram da Olimpíada entre os anos de 2008 e 2012 e que não chegaram às semifinais. As produções foram extraídas de uma amostra selecionada entre mais de 12.000 textos, de todos os Estados brasileiros, levando em conta o porte do município onde o estudante mora. Matê destacou temas, demandas, questões e incômodos transmitidos pelos jovens. Para ela, “ensinar a resolver pela palavra e não pela força é função primordial da escola”.

As vozes desses estudantes também causaram impacto em três participantes especiais do seminário: a jornalista e escritora, Eliane Brum; o historiador e comunicólogo do Canal Futura, João Alegria; e o antropólogo e professor da Unifesp, Alexandre Barbosa Pereira.

Poucos meses antes, os três foram convidados a ler alguns dos textos analisados pela pesquisa – quase cem cada um. Eles e ela apresentaram suas impressões aos educadores que estavam no encontro de outubro. Falaram logo no primeiro dia do seminário, após a apresentação de Cardia. Num debate mediado por Maria Alice Setúbal, suscitaram uma discussão de quase três horas, com intensa participação do público presente, bem como dos mais de 2.000 internautas que acessavam a Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* (www.escrevendo.cenpec.org.br) para assistir ao evento transmitido ao vivo e também enviar perguntas. Os vídeos com as três falas estão disponíveis nessa mesma página.



“As vozes que estão por trás dos textos expressam uma conexão dos jovens com as temáticas do mundo contemporâneo.”

Maria Alice Setúbal,
presidente do
Conselho do Cenpec



A mediação dos cursos a distância instigou a discussão dos professores.

Fotos: Maria Minello

■ A necessidade de o jovem ter a palavra

A abordagem dos três convidados sobre a questão era distinta, mas partia de preocupações semelhantes. Alexandre Pereira fez um paralelo entre os textos que leu e as pichações feitas por jovens em cidades do Brasil e do mundo: “Os jovens que estão pichando as cidades estão assumindo a palavra. É um querer falar, expressar algo. Escrita não é apenas alfabetização. Nos textos da Olimpíada impressionam as reflexões feitas. Os textos me passaram a impressão da necessidade de o jovem ter a palavra, e oferecer a palavra é importante. Por isso o sucesso desses projetos e programas em que o jovem fala muito”.



“Ensinar a resolver pela palavra e não pela força é função primordial da escola.”

Maria Tereza Cardia,
membro da equipe
da Olimpíada

Para o antropólogo há uma novidade no mundo contemporâneo, que é a perda do monopólio do conhecimento pelos adultos. “Pela primeira vez na história, os mais jovens é quem mais dominam as novas tecnologias. As redes sociais mostram que muitos jovens usam a escrita, ainda que de modo distante da norma culta. Todos têm direito de escrever, mesmo não sabendo escrever nesse padrão.”

Alexandre ainda destacou que o trabalho da Olimpíada nas escolas propicia a escrita como algo compartilhado, permite ao jovem exprimir-se. “Há diferença nas escolas em que os jovens têm a palavra e quando não têm. A Olimpíada possibilita ao jovem escrever bem seu texto e isso é escrever bem a sua identidade.”

■ Estudantes encontraram uma voz própria?

Ajudar meninos e meninas a escrever narrativas sobre a própria vida já é um grande trabalho que os professores da Olimpíada realizam, afirmou Eliane Brum. “Escola e professor devem ampliar para o aluno o mundo de dentro e de fora dele, e o artigo de opinião é uma busca pela própria voz. Mas me interessa saber mais se os estudantes encontraram uma voz própria”, pondera.

Eliane foi jurada da Olimpíada em 2012 e pôde ler e avaliar textos de todos os gêneros naquela ocasião. Ela destacou que foi por causa deles que “soube de Brasis que não estão nos jornais”.

Mas, na leitura dessa nova mostra, um detalhe chamou-lhe a atenção: “Por que a voz própria apareceu mais nos outros gêneros que nos artigos de opinião? Por que se sentem menos autorizados a ter voz própria no artigo de opinião que no poema, na crônica ou no texto de memórias? Por que a voz própria, a linguagem própria, o português próprio aparecem mais nos outros gêneros? Minha hipótese é que a referência para esses outros textos é a literatura. Para o artigo de opinião é a imprensa, onde dominam padrões”.

Segundo a jornalista, a imprensa se vê como possuidora de “uma narrativa hegemônica de sua época” e estudantes tenderiam a usar, portanto, o texto “certo”, mudando e submetendo a própria linguagem e a própria voz. Eliane sustenta que a escola questione a linguagem dominante das televisões e da mídia em geral. “O papel da escola é fazer aflorar singularidades.”

■ Um país em busca de sua própria imagem e de seu próprio eu

A última fala desse debate foi do comunicólogo do Canal Futura, João Alegria. “Essas páginas preenchidas com letra cursiva formam uma única narrativa, um emaranhado que me envolve”, declarou sobre a primeira sensação



“A partir da apropriação da língua escrita é possível intervir no mundo e transformá-lo.”

Monica Franco,
representante do MEC

ao se deparar com os textos, e continuou: “Para além dessa hipnótica visão, emanam vozes que gritam, que cochicham, que tagarelam umas com as outras”. Em sua apresentação, Alegria passeou por diversas cidades brasileiras viajando por meio dos textos dos estudantes, costurando trechos e afirmações. “Compus um mosaico de opiniões”, afirmou, “com seus paradoxos e incoerências”. As tantas vozes “ouvidas” revelaram para ele “um país em busca de sua própria imagem, de seu próprio eu”. A juventude brasileira que transparece nos textos, “em sua faina de transformação do mundo”, quer fazer parte, quer ser ouvida e entendida. “São os gritos que ouço saltando dessas páginas que obrigam que nossas atitudes sejam revestidas de sentido.”

■ Vozes ecoaram pelo seminário

As questões trazidas logo na abertura do encontro acabaram presentes em todas as outras atividades e nos grupos de trabalho do seminário. Era visível, entre os participantes, o desejo de falar, de se expressar e de opinar.

Em sua palestra e no debate que se seguiu sobre os dilemas na formação de professores (“Formação de professores: a frágil relação entre teoria e prática”), a pedagoga e superintendente do Cenpec, Anna Helena Altenfelder, afirmou que “a voz do professor vem daquilo que ele pensa e vive em sua realidade”, por isso a necessidade de “criar espaços [nas ações de formação] para que os professores possam falar de suas experiências”.

Em outro grupo de trabalho – “Tricotando a rede” –, que reunia representantes do Consed e da Undime, a psicopedagoga Georgina Vassimon lembrou aos participantes a necessidade de “dar voz a todos e tecer conversas para ver o que está bom e o que precisa ser melhorado” nas articulações entre rede estadual e municipal.

No grupo formado por docentes de universidades, que discutia os critérios para avaliação dos textos, o professor Luiz Percival Leme Britto, da Universidade Federal do Oeste do Pará, ressaltou que “as comissões [julgadas] precisam ter a voz social, não apenas a de professores de português”. Percival defende a presença de membros da comunidade nas comissões que classificam os textos nas etapas escolar e municipal.

Já no grupo que reuniu mediadores dos cursos a distância, oferecidos pela Olimpíada a professores de todo o Brasil, ouvir as vozes uns dos outros foi a grande novidade e a maior alegria entre os mais de quarenta participantes que puderam assistir à palestra da professora Heloísa Collins – “Mediação em ambientes virtuais de aprendizagem”. O detalhe é que todos só se conheciam e “conviviam” pelas conversas virtuais, por meio de fóruns, *e-mails* e outras formas de comunicação não oral que os cursos possibilitam. “Foi um encontro de vozes e de Brasis”, declarou a professora Édina Moura Vianna, que media turmas espalhadas pelo país, sem sair de sua cidade, Cachoeiras de Macacu, no interior do Rio de Janeiro.

As vozes, vidas, segredos, revelações, luzes escondidas, bússolas e desorientações deram sentidos e trouxeram significados para todos os participantes. O segundo seminário nacional da Olimpíada durou apenas dois dias. O suficiente para balançar, tirar da indiferença e animar toda aquela gente que traz a vida ali na voz.



Foto: Marcia Mijailo

“Para além dessa hipnótica visão, emanam vozes que gritam, que cochicham, que tagarelam umas com as outras.”

João Alegria, Canal Futura



“A voz do professor vem daquilo que ele pensa e vive em sua realidade.”

Anna Helena Altenfelder, superintendente do Cenpec

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

por que trilhar o caminho proposto

Ensinar a língua escrita aproximando-se de situações reais de comunicação

Sônia Madi

A escrita
existe
na escola
porque
existe
fora dela.

A escrita existe nas práticas sociais com muitas funções, entre as quais a de registrar, documentar, comunicar, expressar, persuadir, enredar, representar e criar realidades. Para que o aluno possa usufruir desse conhecimento é importante que você, professor, traga **para a sala de aula esses múltiplos usos da escrita, a maneira como ela é utilizada na sociedade – ou o mais próximo possível.**

A escrita com sentido tem uma intenção; escrevemos principalmente para nos comunicar com as pessoas. Fazemos isso de muitas formas. Para sermos bem-sucedidos a cada situação, dependendo das pessoas a quem nos dirigimos, escolhemos o que dizer e como dizer, e isso é aprendido. Vários desses usos da escrita são aprendidos espontaneamente, com nossos pais e amigos, em casa, na rua, no comércio, na igreja. Outros textos, muitas vezes mais formais e complexos, devem ser ensinados na escola.

Para promover a prática com esses textos, o Programa *Escrevendo o Futuro* e, posteriormente, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* desenvolveram uma metodologia para o ensino da escrita de alguns **gêneros textuais** por meio de uma **sequência didática**, que se encontra nos Cadernos do Professor – Coleção da Olimpíada, distribuída pelo MEC para as escolas públicas brasileiras.

■ Gêneros textuais

Ao longo da história, os homens, interagindo, desenvolveram formas para se comunicar, foram se constituindo e, ao mesmo tempo, construindo modos de dizer reconhecíveis pelos seus pares. Nessas interações, o uso da linguagem vem, continuamente, se organizando em torno de gêneros, que são modos de dizer próprios de determinadas situações comunicativas e de determinados grupos.

Em cada ambiente onde ocorrem as diferentes atividades o uso da linguagem é construído de maneira peculiar. É esse modo de dizer, próprio de cada ambiente e dos papéis sociais desempenhados pelos participantes, que chamamos de **gêneros discursivos** – tipos relativamente estáveis de discurso, que foram se cristalizando ao longo do tempo para pessoas. Esse conhecimento construído socialmente precisa ser apreendido pelo indivíduo para que ele possa circular de maneira confiante nesses ambientes.

■ Sequência didática

Para que os alunos possam conhecer e praticar os vários usos da linguagem em novas situações comunicativas, recomendamos a você, professor, que realize um conjunto de atividades sistematizadas, com objetivos definidos, ligadas entre si, e grau de complexidade crescente. No exercício dessas atividades, você pode oferecer modelos, dando pistas, indicando caminhos, ensinando e colocando em prática conceitos que culminem com o desenvolvimento de diversas capacidades de linguagem.

Sônia Madi é coordenadora da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Fazer junto para depois fazer sozinho

Uma pessoa realiza tarefas com autonomia quando já tem o conhecimento construído. Outras precisam de ajuda. A sequência didática proposta tem por objetivo que o professor ofereça experiências de uso de linguagem oral, de leitura e de escrita, que colabore com o aluno, fazendo junto com ele o que ainda não consegue realizar com autonomia.

A seguir, apresentaremos as etapas da sequência didática, lembrando que elas podem ser desenvolvidas sucessivamente, ou de maneira simultânea, pois envolvem idas e vindas.

Compartilhar a proposta de trabalho com seus alunos

O ponto de partida é a discussão sobre a situação comunicativa que será estudada. Seus alunos irão fazer muitas atividades até que estejam preparados para a escrita do texto final.

É fundamental deixar clara a situação de produção do texto: quem escreve, para quem, sobre que assunto, com que objetivo, onde poderão publicar seus textos?

Escrever o primeiro texto

Antes de iniciar o trabalho converse com os alunos e procure descobrir o que eles conhecem sobre o gênero que vai ser estudado.

Leram alguma crônica? De que autores?

Que poemas têm memorizado?

O que significa escrever memórias?

Qual a diferença entre diário e relato histórico?

Deram opinião por escrito ou leram textos em que as pessoas argumentam?

Aquecidos por essa conversa, proponha aos alunos a escrita de um primeiro texto. Essa produção deve estar contextualizada, e os Cadernos do Professor detalham como isso pode ser feito. A análise desses textos oferece pistas para mapear o conhecimento prévio dos alunos e o melhor modo de planejar as atividades. O primeiro texto também servirá para avaliar o aprendizado dos alunos ao ser comparado com o texto a ser produzido ao final da sequência.

O primeiro texto e o texto final

O primeiro texto é escrito com o conhecimento que temos e, muitas vezes, está distante do desejável. Ao ler os textos dos alunos, o professor pode observar o que sua classe já sabe e/ou não sabe, organizar as oficinas tendo em vista o uso da linguagem, o que precisa ser aprendido, refletir, retomar continuamente os aspectos mais frágeis. Ao término da sequência didática, comparando os dois textos – inicial e final –, será possível avaliar o que está se consolidando.



Ler textos de autores reconhecidos

Para se tornar confiante na escrita é importante **ler textos do gênero focalizado, escritos por autores reconhecidos**. Durante essas leituras, apresente o autor, mostre onde foi publicado, dirija a leitura para garantir que o texto seja compreendido, investigue se os alunos perceberam para quem o autor estava se dirigindo, quais eram as suas intenções. Garanta a escuta da leitura em voz alta do CD-Rom da Coleção da Olimpíada, para que os alunos ganhem intimidade com o modo de expressão próprio da linguagem escrita. Nas aulas de leitura o professor utiliza estratégias para desenvolver no aluno capacidades de antecipar os significados de um texto, relacionar e selecionar informações, fazer inferências, identificar pelo contexto palavras que não sabe o significado etc. Ao conhecer os textos de referência e apreciar as palavras dos escritores, os alunos encontram bons modelos para se alimentar e escrever os próprios textos.

Analisar as marcas linguísticas presentes nos textos

A cada nova leitura de um mesmo texto, temos uma compreensão maior de seus sentidos. Nesse momento iremos observar os recursos utilizados pelos autores, as marcas linguísticas dos textos. Queremos que os alunos saibam que existem características que são próprias de cada gênero, e isso é percebido ao identificar pontos comuns em diferentes textos de um mesmo gênero. Além disso, é nesse tipo de oficina que a gramática é ensinada, por exemplo: destacando a maneira como o autor liga os parágrafos, como usa os pronomes quando se refere a alguém, como faz a coesão verbal e nominal, sempre trabalhando os conceitos a partir da análise do texto.

Conhecer o assunto sobre o qual se vai escrever

Uma atividade valiosa que dará consistência ao novo texto. Lendo o que já se escreveu sobre esse assunto, analisando dados e documentos, coletando informações, entrevistando pessoas, conversando, escutando e observando como vivem e como pensam as pessoas da comunidade, domina-se o conteúdo, e, dessa forma, o aluno tem o que dizer.

Produzir um texto coletivo

Uma etapa desafiadora da sequência didática. Ao escrever é preciso colocar em ordem as ideias que estão dispersas em nosso pensamento, destacar as mais importantes, explicar, colocá-las em uma progressão, dar linearidade, encontrar palavras, expressões, pontuações necessárias para dialogar com alguém que não está presente, que está no nosso imaginário. Quanto mais formais forem as situações comunicativas e mais diversos e desconhecidos os leitores, mais necessário será utilizar modos de dizer bem elaborados. Os alunos trocam opiniões, dão sugestões, enquanto o professor coordena a escrita do texto coletivo, incentivando a participação de todos; organizando as falas, fazendo intervenções; sugerindo modos diferentes de expressar uma mesma ideia; transformando discursos coloquiais ou orais em discursos escritos; pondo ordem em comunicações confusas, ao colocar-se no lugar de leitor convida os alunos para refletirem se estão conseguindo causar os efeitos pretendidos. Nesse momento, o professor não é um escriba, ele escreve junto, dando visibilidade aos procedimentos de escrita, pois as pessoas que escrevem têm o domínio de ir selecionando o que escreve para compor o texto.

Escrever um texto individualmente

É hora de colocar em prática tudo o que aprendeu, mas ainda contará com a ajuda do professor. É importante retomar a situação de produção: de que lugar estão escrevendo, que posição social estão assumido como autores, quem serão os leitores do texto, para quem vão escrever? O que pretendem? Que efeito de sentido querem causar? Vale relembrar as marcas do gênero e percorrer as carteiras dialogando com os alunos sobre o texto que estão escrevendo.

Aprender a manejar os discursos (interno, oral e escrito)

- No pensamento, as ideias são inúmeras e muitas vezes estão justapostas, confusas, embaralhadas.
- Ao falar com alguém, precisamos fazer escolhas – nem tudo o que pensamos, dizemos. Podemos ser sintéticos, econômicos, pois temos muitos conhecimentos compartilhados, e, quando não nos fazemos compreender, somos interrogados e ajustamos o discurso; usamos gestos, entonações, abrandamos ou somos mais contundentes. Ficando atentos ao efeito que causamos no interlocutor, ajustamos o discurso para que o diálogo ocorra efetivamente. Isso também sucede com a escrita.
- A expressão oral e, mais ainda, a escrita organizam o pensamento. Dessa forma, ao terminar de escrever um texto, teremos mais clareza das nossas ideias.

Revisar e aprimorar o texto

Um bom texto só se alcança com muitas reescritas. É o momento de perseverar, entender e aprender os motivos da revisão. Para isso é fundamental a leitura do texto por outra pessoa, que pode ser o professor ou um ou mais colegas. Esse procedimento colabora para que o aluno-autor perceba o que não está claro, o que precisa ser reescrito, avalie se o que quis dizer está dito, se o que se pretende com o texto será alcançado. Um bilhete do professor ou do(s) colega(s) com a indicação das qualidades do texto e das características do gênero já presentes, acompanhado pela sugestão precisa e pontual do que é necessário alterar, pode colaborar de forma significativa para o aprimoramento da produção do aluno.

Leitor imaginário colabora para a construção do leitor real

O autor de um texto precisa deslocar-se para o lugar de leitor, que não partilha dos conhecimentos do escritor. Isso significa pensar em para quem escrevemos um texto; representar **leitores reais**, que identificam os problemas, as incompletudes, as incoerências que comprometem a legibilidade e o entendimento do texto. Esse leitor imaginário faz perguntas ao autor e o ajuda a perceber o que não está dito. A vivência de muitos desses diálogos ajuda o autor a tomar consciência dos problemas do texto que escreve, ganhando gradativamente mais autonomia, fazendo para si as perguntas que poderiam ser feitas pelo leitor real.

Que capacidades de linguagem são desenvolvidas ao trabalhar uma sequência didática?

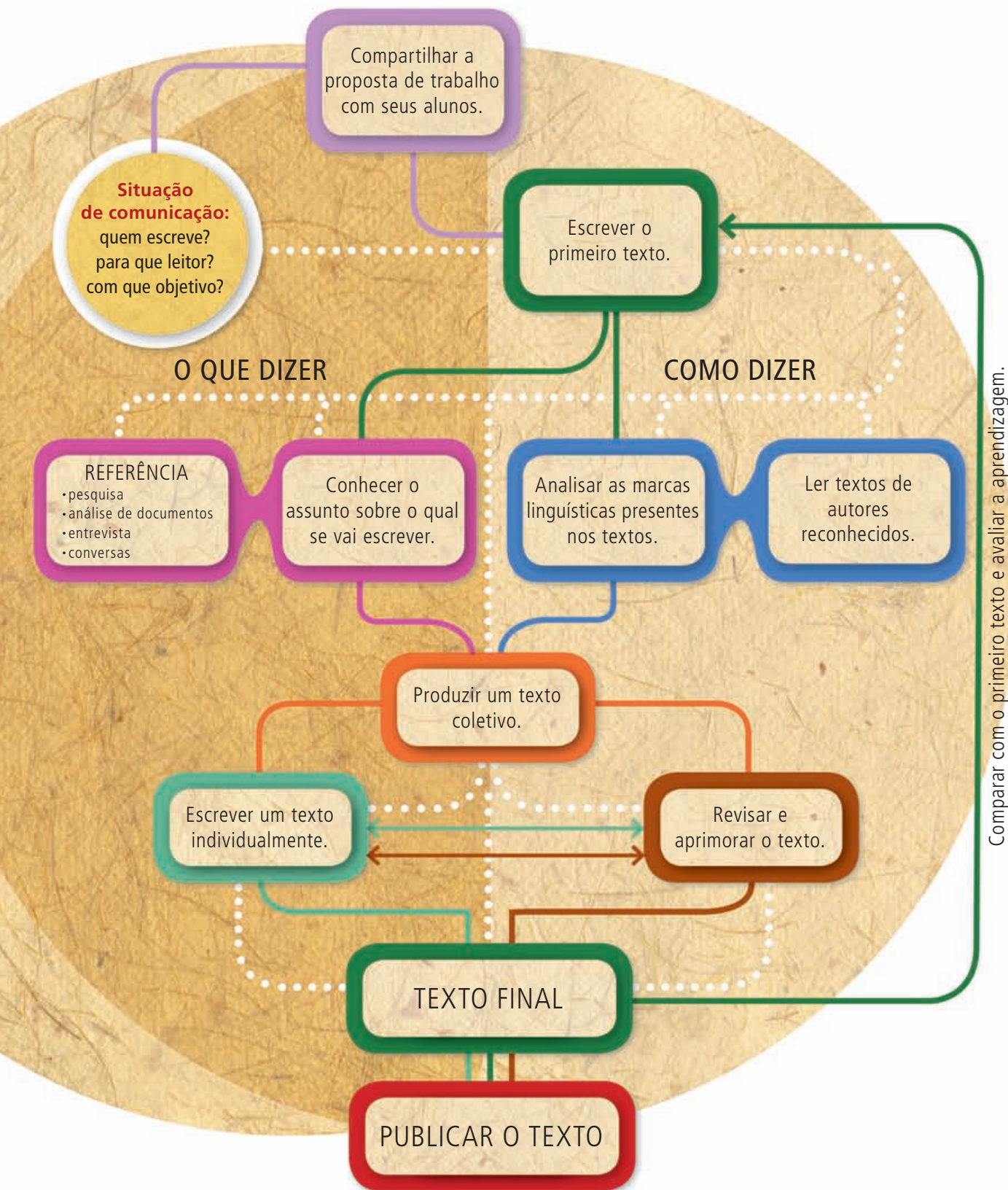
- Falar, escrever e ler conforme a situação de comunicação.
- Buscar em textos existentes referências para escrever novos textos.
- Interligar as várias partes de um texto para que tenham uma sequência coerente.
- Utilizar os conceitos gramaticais aprendidos.
- Colocar-se no lugar de leitor enquanto escreve.
- Deixar claras as várias vozes (personagens, narrador, pessoas citadas) que aparecem no texto.

Publicar os textos

A publicação concretiza a presença de leitores e justifica a escrita. Cada comunidade oferece diferentes oportunidades para publicação dos textos. Algumas com público mais próximo, por exemplo, o mural da escola, a coletânea da classe que pode ser disponibilizada na biblioteca da escola; outras, mais abrangentes, como os jornais locais, a leitura de textos em rádios comunitárias, pelos quais é possível alcançar leitores diversificados.

Não perca de vista o leitor! (Esqueça a comissão julgadora)

- Queremos despertar nos leitores interesse, curiosidade, admiração.
- Tradicionalmente, os alunos escreviam para seus professores lerem. Na sequência didática apresentada propomos que escrevam para leitores que estão fora da escola. No caso de um concurso, não podemos evitar que tenham em mente os avaliadores, mas é importante que isso não comprometa a interlocução original do texto.
- É importante também ressaltar que o texto trará mais fortemente a voz do escritor, será mais autêntico se tiver no seu horizonte uma situação verdadeira de comunicação, e, para isso, é de fundamental importância que sejam escritos para diferentes leitores.



Que modos de participação do professor colaboram para a construção de determinadas capacidades de linguagem?

- Explicitar as situações de comunicação: quem fala/lê/escreve, de que lugar (papel social), para dizer o que, para quem ouvir/ler, com quais propósitos, com quais efeitos de sentido.
- Mapear o conhecimento dos alunos para adequar as atividades propostas no Caderno do Professor.
- Identificar e partilhar com o grupo conhecimentos, valores, problemas que circulam na cultura local para que eles possam se reconhecer e se posicionar nesse contexto.
- Ler os textos com os alunos, ajudando-os a construir sentidos.
- Analisar os textos com os estudantes explicitando os conceitos linguísticos que foram empregados e com que intenção.
- Tornar visível para a classe os procedimentos necessários para se escrever um texto.
- Investigar e aprofundar com o grupo assuntos, pessoas, locais, que sejam referência para alimentar o tema para a produção textual.
- Ler os textos dos alunos assumindo diferentes olhares: leitor (que aprecia), avaliador (que identifica problemas, fragilidades), colaborador (que dá indicações para o aprimoramento).
- Publicar os textos produzidos garantindo que circulem em diferentes espaços e sejam lidos por diferentes leitores.

*“ Considero a produção de textos (orais e escritos)
ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo
de ensino-aprendizagem da língua.”*

João Wanderley Geraldi

Por que vale a pena participar da Olimpíada?

Dúvida, ansiedade, insegurança, expectativa e esperança se espalham pelo ambiente escolar quando os professores recebem o convite para se inscreverem em mais uma edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

Como dar conta do extenso conteúdo curricular de língua portuguesa e das atividades propostas nas oficinas da Coleção da Olimpíada?

Qual a contribuição da sequência didática para o ensino e a aprendizagem da escrita?

É possível realizar a sequência didática em uma classe heterogênea e numerosa?

Alunos sem interesse pela escrita têm chance de vencer um concurso de texto?

E o envolvimento com a comunidade, como conseguir?

A escuta atenta dessas inquietações — ao longo dos anos — instigou-nos dar luz às conquistas e aos esforços de professores, estudantes e comunidades envolvidos e beneficiados pela dimensão formativa do concurso. Vamos conferir?

Possibilita a integração das atividades propostas nos materiais da Coleção da Olimpíada com a programação curricular oficial de língua portuguesa.

Articula a produção de textos aos demais eixos do ensino-aprendizagem em língua portuguesa: a leitura, a oralidade e a reflexão sobre a língua e a linguagem para a construção dos conhecimentos linguísticos.

Estabelece uma diretriz para planejar passo a passo o trabalho com sequência didática para o ensino de gêneros textuais.

Propicia a oportunidade de refletir sobre a prática e de compreender a função social da escrita.

Tem a oportunidade de trabalhar a escrita em situações reais de comunicação: quem escreve; com qual objetivo; sob quais condições de produção; para quem ler; onde vai circular; em que suporte.

Envolve todos os estudantes da turma nas atividades propostas nas oficinas do *Caderno do Professor*.

Incentiva – de forma planejada – a colaboração e socialização dos conhecimentos: é preciso fazer junto para depois fazer sozinho.

Realiza as oficinas com todos os estudantes sem perder de vista o diagnóstico da primeira produção – o que eles já sabem; os pontos que precisam ser fortalecidos, complementados, adaptados nas atividades propostas no *Caderno do Professor*.

Ensina os estudantes a pesquisar e explorar estratégias de leitura (procedimentos de fazer sumários, de localização de fontes, de registro, de análise da credibilidade de textos coletados).

Apropria-se da metodologia da sequência didática para o ensino de outros gêneros textuais.

Familiariza-se, por meio do Caderno Virtual, com as múltiplas linguagens, internaliza os esquemas de navegação, ampliando a cultura digital.

Adensa o conhecimento do espaço geográfico e da comunidade em que vivem os estudantes.



Aprende a produzir um gênero de texto e aprimorar a qualidade da escrita.

Amplia a competência na linguagem oral, na leitura e na escrita.

Aprofunda o olhar sobre o lugar onde vive e – por meio da escrita – consegue posicionar-se em diversas situações.

Sabe que as produções serão lidas e apreciadas por muitos leitores.

Toma conhecimento de que – ao longo dos anos – a maioria dos alunos semifinalistas vieram de municípios de pequeno porte, ampliando a chance de sucesso dos textos.

Trabalha o plano global do texto, a alimentação temática, os elementos e recursos da língua.

Rele, refaz, retoma as etapas do processo de escrita do texto: a escrita da primeira versão, a leitura, a revisão e a reescrita final do texto.

Expande a leitura, reflexão e pesquisa ao elaborar o texto sobre o lugar onde se vive.

Exercita a leitura de hipertexto ou da hipermídia para ganhar fluência e compreensão da cultural digital.

Instiga um outro olhar sobre a realidade, abrindo uma perspectiva de transformação social.

para o aluno



para a comunidade

Familiariza-se com o trabalho desenvolvido pela escola.

Envolve-se no processo da aprendizagem, fornecendo dados, informações e opiniões.

Tem seus saberes reconhecidos e valorizados, tornando pública a atuação de pais e moradores.

Mobiliza pais e moradores da comunidade a participarem das ações – entrevistas, depoimentos, encontros, saraus – organizadas pela equipe da escola.

Mostra a importante atuação de pais e comunidade na produção do texto dos estudantes.

Amplia o letramento dos pais e da comunidade ao tornar públicos os textos escritos pelos estudantes.

CADERNOS VIRTUAIS

a cultura digital presente na sala de aula

Interativos e dinâmicos, os novos materiais pedagógicos da Olimpíada estimulam o olhar crítico e a escrita dos estudantes do século XXI.

Jéssica Nozaki, José Alves e Criss de Paulo

Muito se fala sobre a necessidade da criação de objetos digitais para serem incorporados ao cotidiano das escolas brasileiras. Os estudantes do século XXI tendem, por causa do contato intenso com as ferramentas virtuais interativas, a aprender a partir de novas demandas geradas pelas diversas linguagens tecnológicas que o universo digital possibilita. Uma pesquisa recente divulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU) aponta o Brasil como a quarta maior população de nativos digitais do mundo. Entende-se por nativos digitais os jovens que cresceram acompanhando de perto a expansão da internet e, portanto, estão acostumados às muitas mudanças trazidas pela *web*. No Brasil, o número chega, em 2013, a aproximadamente 20 milhões de jovens.

Professor, nesta revista
você encontra um DVD
com os Cadernos Virtuais:
*Poetas da escola,
Se bem me lembro...,
A opinião faz o escritor
e Pontos de vista.*

Ao mesmo tempo, professores se veem cada vez mais desafiados a incluir materiais pedagógicos que utilizem essa linguagem de modo a construir sentido e significado para essa população de estudantes ávidos por conexão, seja por meio de computadores, seja por dispositivos móveis. Não à toa o Ministério da Educação (MEC) tem como meta a distribuição de *tablets* para professores das escolas da rede pública brasileira.

Pensando e agindo com base nesse cenário desafiador, a equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* digitalizou as sequências didáticas que orientam os professores a trabalharem os gêneros textuais – Poesia, Memórias literárias, Crônica e Artigo de opinião – abarcados pelo Programa e criou os Cadernos Virtuais, um para cada gênero. Além da versão para os computadores das salas de informática das escolas, o conteúdo também estará disponível para ser utilizado nos celulares e em *tablets*. Nos Cadernos, além das ferramentas interativas há jogos com atividades pedagógicas sobre os gêneros trabalhados para serem explorados pelos estudantes com a mediação do professor. Eles estimulam a aprendizagem colaborativa e em rede.

No formato virtual, o professor também pode personalizar o processo de ensino e aprendizagem por meio de ferramentas de anotação e de grifo. Com elas, o educador pode fazer as suas marcações, que estarão disponíveis na versão que ele salvou para si.

Jéssica Nozaki, José Alves e Criss de Paulo coordenaram a equipe de elaboração dos Cadernos Virtuais, com a adaptação das sequências didáticas para a linguagem digital, e a criação das atividades pedagógicas *gameficadas*.

Cadernos novinhos, cheirando interatividade

Os Cadernos Virtuais com as sequências didáticas trabalhadas na Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* foram concebidos de forma a simplificar os caminhos que levam o professor ao seu conteúdo digital. A ideia é que em poucos cliques seja possível acessar as etapas das oficinas que desejam trabalhar, bem como as informações complementares e as ferramentas interativas; assim, a intenção da equipe que organizou o material foi propiciar a navegação a mais intuitiva possível, tão familiar aos usuários como o ato de folhear um livro.

Na abertura da publicação há um tutorial em vídeo que explica de maneira minuciosa, passo a passo, a forma como os educadores podem utilizar o Caderno. Há também o botão que leva às oficinas, além de uma apresentação que contextualiza e enfatiza a necessidade da produção de materiais virtuais para atender às demandas que se impõem aos educadores no universo da cultura digital.

Ao clicar sobre o botão “Entrar”, na abertura do Caderno, o professor vai acessar o índice com todas as oficinas que compõem as sequências didáticas. Na mesma tela também estão os *links* que levam aos textos introdutórios – de especialistas na área da educação –, com informações, por exemplo, sobre a importância das sequências didáticas como eixo do ensino da escrita e as estratégias para dimensionar o tempo das oficinas.

Ao acessar, pelo índice, a oficina que deseja trabalhar com seus alunos, o professor se depara com uma série de conteúdos. Todas as aberturas das oficinas trazem o mesmo conjunto de informações: objetivos e dicas para o educador se preparar para a realização da oficina, e sugestões sobre a utilização dos recursos do Caderno Virtual. O botão “Ajuda”, que leva ao tutorial, também se mantém, caso alguma dúvida ainda persista durante a navegação.

À esquerda da página de abertura de cada uma das oficinas, é possível acessar as etapas que a compõem, todas numeradas. Outra maneira de chegar às etapas é navegar pelas setas, localizadas na parte inferior, direita e esquerda, na tela. Os Cadernos trazem também diversos arquivos de texto, de áudio e de vídeo para serem trabalhados durante as atividades, além de jogos, que são, na verdade, atividades pedagógicas lúdicas. Assim que o professor acessa as etapas das oficinas, o conjunto desses arquivos e os jogos, que correspondem àquela etapa do processo que está sendo trabalhado, ficam disponíveis para acesso em um menu à esquerda da tela. No texto das etapas das oficinas, é sugerida ao educador a utilização desses conteúdos.



As ferramentas interativas dos Cadernos Virtuais

Assim que o professor acessa uma etapa de qualquer oficina, quatro botões surgem na parte inferior da tela. Trata-se das ferramentas interativas com quatro funcionalidades que permitem ao educador personalizar sua trajetória pela sequência didática, por exemplo, com anotações e grifos. Conheça melhor cada uma das ferramentas interativas:



Buscar: ao clicar em buscar, o professor deve digitar a palavra desejada no campo respectivo. O mecanismo de busca apresenta, então, uma lista de todas as oficinas, etapas e páginas nas quais a palavra digitada aparece, além de um curto trecho do texto em que se localiza a palavra pesquisada.

Anotar: essa é uma das ferramentas que permite ao professor registrar a sua trajetória pelos Cadernos Virtuais. Por meio dela, o educador pode fazer anotações, lembretes e mesmo impressões sobre o desempenho e os desafios da turma. Ao clicar em “Anotar”, surge um campo à esquerda da tela para os comentários. O educador terá o registro no computador em que a anotação foi efetuada.

Ver Notas: depois de registrar e salvar as anotações, o professor pode consultá-las por meio do botão “Ver Notas”. Assim que o educador clica nessa funcionalidade, surge uma lista de todas as oficinas do Caderno. Ao clicar sobre o botão da oficina em que houve uma anotação, o professor tem à sua disposição a lista dos comentários realizados, com indicação da etapa e da página em que foram digitados.

Grifar: com essa funcionalidade, o professor pode destacar no texto das oficinas os trechos que julga merecer destaque. Basta passar a “canetinha” sobre eles. Assim que o educador grifa o texto e salva a ação, ele poderá encontrar os trechos destacados nos próximos acessos ao Caderno. O usuário pode desfazer a ação quando quiser, com a mesma simplicidade que o levou a grifar. Basta passar novamente a “canetinha” sobre o trecho destacado.

Muito multimídia, super-hipertextual

É verdade que os Cadernos Virtuais trazem as mesmas sequências didáticas propostas ao professor nos Cadernos impressos, mas isso está longe de se configurar como uma simples transposição de suporte. Cada uma das atividades de todas as oficinas foram adaptadas para a *web*. Assim, os educadores vão encontrar, entre os conteúdos reeditados, algumas novas propostas pedagógicas cuja realização está voltada para o uso das novas tecnologias em sala de aula.

Os Cadernos Virtuais estão construídos com base em uma linguagem hipertextual, isto é, ao longo das oficinas há diversos *hiperlinks* para outras páginas da internet. Esses *links* aparecem destacados no texto principal e remetem a páginas que complementam e podem tornar mais produtivo o conteúdo abordado nas oficinas.

Outra característica dessa versão virtual é a integração de diferentes recursos multimídia em um único ambiente:



Menu “Textos”: conhecido como “Coletânea” no material impresso, esse menu reúne todos os textos trabalhados nas sequências didáticas – e mais alguns outros – para que os alunos possam realmente entrar em contato com produções sem nenhum comentário ou análise prévia. Além da facilidade de localização, o menu também possibilita a projeção dos textos por meio de aparelho do tipo *datashow*. Com isso, o professor tem nas mãos a oportunidade de enriquecer o trabalho com os alunos, propondo a leitura coletiva e proporcionando o acesso de toda a turma ao conjunto de textos.



Menu “Áudios”: percebendo a importância de disponibilizar a alunos e educadores bons modelos de leitura em voz alta, de textos literários, a equipe da Olimpíada preparou algumas faixas de áudio com textos lidos em voz alta e sonorizados. Ouvir a leitura desses textos é mais uma forma de envolver os alunos no trabalho com gênero textual e de aproximá-los de obras literárias ou artigos publicados. São esses áudios que estão reunidos nesse menu, além de alguns *podcasts* produzidos especialmente para os Cadernos Virtuais.



Menu “Vídeos”: ao longo dos anos, a equipe da Olimpíada produziu diversos vídeos, que vão de peças publicitárias televisivas a palestras de especialistas, de entrevistas a oficinas filmadas em sala de aula. Os Cadernos Virtuais apresentam um menu dedicado a reunir esses vídeos por gênero. Nas oficinas, também são indicados os melhores momentos para a utilização de cada vídeo com a turma.



Menu “Jogos”: cada Caderno apresenta três atividades pedagógicas “gameficadas” destinadas aos alunos para que joguem em dupla. Trata-se de atividades que já eram propostas na sequência didática da Olimpíada de maneira analógica. Elas foram adaptadas e disponibilizadas em um formato lúdico a fim de proporcionar o aprendizado de aspectos importantes no trabalho com escrita de gêneros textuais de modo mais divertido, interativo e intuitivo. Cada jogo possui objetivos pedagógicos e situações de comunicação específicos; alguns têm dinâmica de competição, isto é, um jogador contra outro; outros são totalmente cooperativos, ou seja, os dois jogadores trabalham juntos em uma missão.

Saiba mais sobre os jogos propostos para cada gênero textual

Poema: "Arquipélago poético"

Imagine um mundo que perdeu a graça, a cor... Agora, imagine que está em suas mãos a missão de devolver a poesia a esse mundo! Essa é a tarefa proposta em Arquipélago poético. Nesse jogo, os alunos deverão percorrer paisagens para encontrar a Ilha dos poemas e descobrir como trazer as imagens e os recursos poéticos de volta à vida das pessoas. A atividade ocorre em três etapas que trabalham diferentes aspectos da poesia.



Rimas — A tarefa é identificar: qual a palavra que, além de rimar, completa, com sentido, o verso.



Ritmo — A turma deve encontrar, nas quadrinhas populares, as palavras ou expressões que estão atrapalhando a cadência dos versos.



Metáfora — Será que os alunos sabem diferenciar versos que trazem imagens referenciais de versos metafóricos?

Memórias literárias: "Casarão bravo"

Dona Edite é uma senhora que, com o passar dos anos, foi perdendo os fios que amarravam suas lembranças. Para ajudá-la a recuperar suas memórias, os jogadores irão, colaborativamente, vasculhar o porão de sua casa em busca de elementos que contem sua história. Os aspectos trabalhados nas três etapas desse jogo são:



Leitura e compreensão

Os alunos devem compreender e interpretar informações pessoais e referências históricas expressas em cartas, cartões e bilhetes com o objetivo de colocá-los em ordem cronológica.



Uso da linguagem literária

Os estudantes se deparam com diversos jeitos de dizer a mesma expressão e devem escolher aquela que completa o sentido das frases de maneira mais lírica.



Progressão textual

Os jogadores têm à sua disposição um quebra-cabeça de parágrafos que devem ser colocados na ordem correta do texto.

Crônica: “Crogodó”

Os jogadores estão na cidade de Crogodó. Lá, eles percorrem diversos ambientes e são convidados a buscar situações que possam render boas crônicas. O jogo assume uma dinâmica de competição em que o vencedor passa a integrar a equipe de um *blog* de cronistas.



Ampliação de repertório

A turma é desafiada a descobrir o sentido conotativo de expressões ligadas ao mundo do futebol, ampliando, assim, seu vocabulário.



Marcas próprias da crônica

Os estudantes trabalham as diferenças entre gêneros textuais, aprendem a identificar a crônica e a reconhecer suas características.



Tons da crônica

Os alunos, por meio de um quebra-cabeça de textos, devem identificar os diversos tons que uma crônica pode assumir (lírico, irônico, crítico e humorístico).

Artigo de opinião: “Foca”, “Grêmio” e “Lajenga”

Um conjunto de atividades em dinâmica de competição em que os jogadores trabalham os aspectos do gênero artigo de opinião.



Uso de elementos articuladores

O desafio é completar alguns argumentos com o respectivo elemento articulador (advérbios, conectivos etc.), adequado ao sentido das frases.



Fortalecimento da argumentação

Os alunos devem diferenciar fatos e informações que remetam ao universo da notícia: opiniões, argumentos de autoridade e outros períodos que remetam ao gênero artigo de opinião.



Organização do artigo

A proposta é que a turma identifique, no texto, os elementos que sustentam a argumentação em cada um dos parágrafos.

Os Cadernos Virtuais foram elaborados de modo a ampliar as possibilidades de utilização das sequências didáticas propostas pelo Programa, que agora transcendem o universo analógico. A equipe da Olimpíada propõe a vocês, educadores, que explorem o material digital e nos abasteçam com sugestões de aperfeiçoamento. Além disso, relatos de como os Cadernos Virtuais e seus recursos multimídia foram utilizados na prática pedagógica, em sala de aula, são muito bem-vindos! Nosso canal de comunicação você já conhece: é a Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* < www.escrevendoofuturo.org.br >.

Desejamos a todos um ótimo trabalho com os alunos!

"A PARASITA AZUL" e um professor cassado

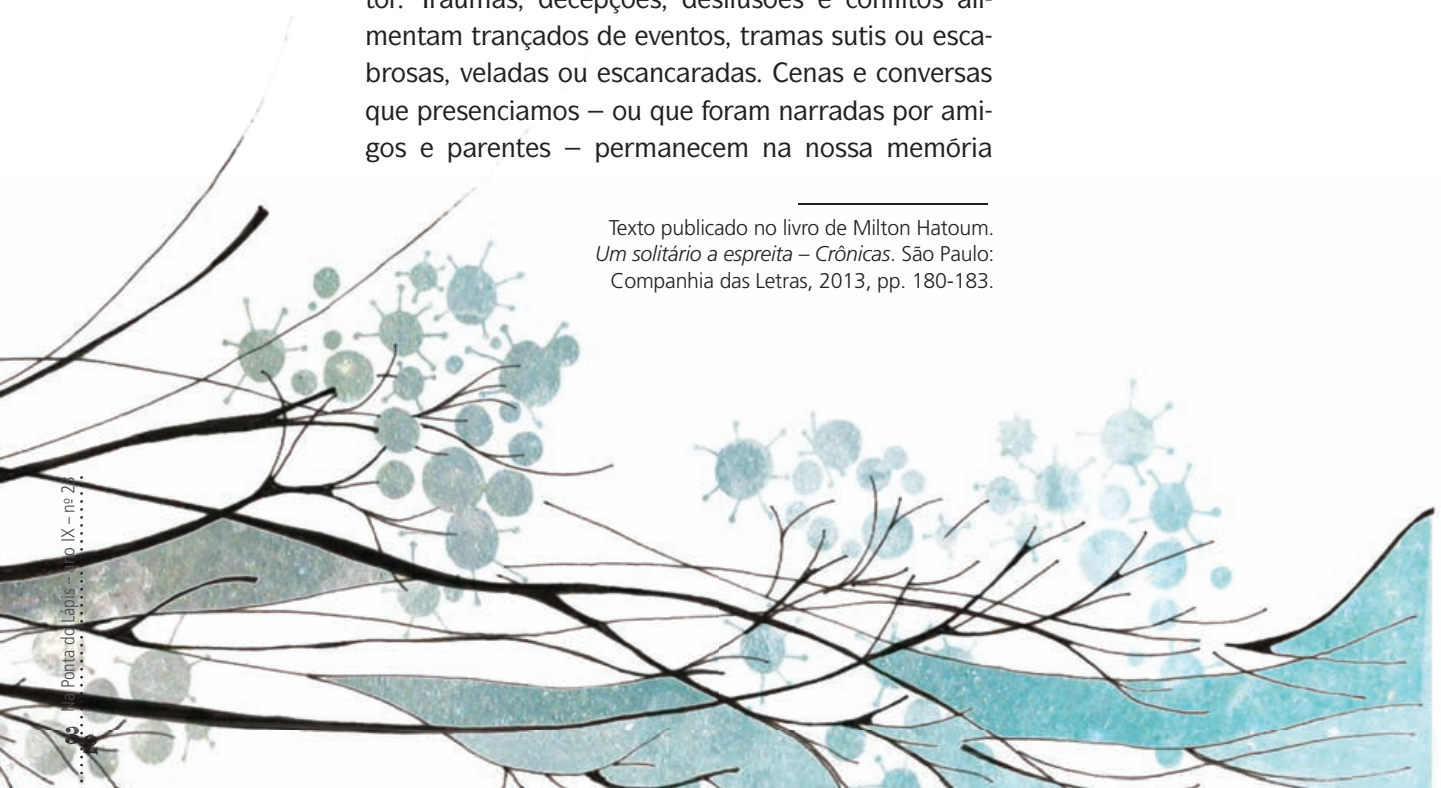
Milton Hatoum

Para Oscar Pilagallo e Josélia Aguiar

Para vários dos escritores, as origens de suas narrativas estão na infância e juventude, cujo mundo é uma promessa de um futuro livro. A memória incerta e nebulosa do passado acende o fogo de uma ficção no tempo presente.

Cada escritor elege seu paraíso. E a infância, um paraíso perdido para sempre, pode ser reinventada pela literatura e a arte. Mas há também vestígios do inferno no passado, e isso também interessa ao escritor. Traumas, decepções, decepções e conflitos alimentam trançados de eventos, tramas sutis ou escabrosas, veladas ou escancaradas. Cenas e conversas que presenciamos – ou que foram narradas por amigos e parentes – permanecem na nossa memória

Texto publicado no livro de Milton Hatoum.
Um solitário a espreita – Crônicas. São Paulo:
Companhia das Letras, 2013, pp. 180-183.



com a força de algo verdadeiro, que nos toca e inquieta. A infância, com seus sonhos e pesadelos, é prato cheio para a psicanálise, mas também para a literatura. No entanto, para quem almeja ser um escritor, há algo mais: a leitura.

Alguns jovens tiveram a sorte de conviver com um bom professor de literatura; outros, que estudaram em escolas precárias, conheceram um leitor em sua casa: um desses leitores que nos oferecem um livro decisivo, capaz de mudar nossa vida. E há ainda casos do acaso: você entra numa biblioteca da província ou da metrópole e se depara com um livro desconhecido, que pede para ser lido. O acaso, que é um motivo tão recorrente na literatura, pode formar um leitor.

Dois acasos foram decisivos na minha juventude: o primeiro me conduziu à obra de Machado de Assis; o segundo, a uma biblioteca vasta e sombria, escondida numa sala subterrânea.

Na tarde de um sábado de 1965, um homem alto e esquelético entrou no pátio de minha casa manauara e bateu palmas. Carregava uma maleta, e parecia prostrado pelo calor; quando olhei o rosto dele, pensei que chorava aos prantos, mas foi uma falsa impressão: os olhos estavam encharcados de suor. Abriu a maleta e mostrou à minha mãe as obras completas do Bruxo do Cosme Velho. Surpreso e aliviado, o homem foi embora com a mala vazia. Era um vendedor de enciclopédias e livros de literatura, um humilde mercador de palavras sob o sol abrasador da cidade equatorial. Ao acaso, escolhi um dos livros de capa azul-turquesa e dei de cara com um título enigmático e atraente: *Histórias da meia-noite*. Não menos misterioso e sedutor foi o primeiro conto que li do grande escritor: “A parasita azul”. Gostei do enredo, pois aos treze anos de idade eu



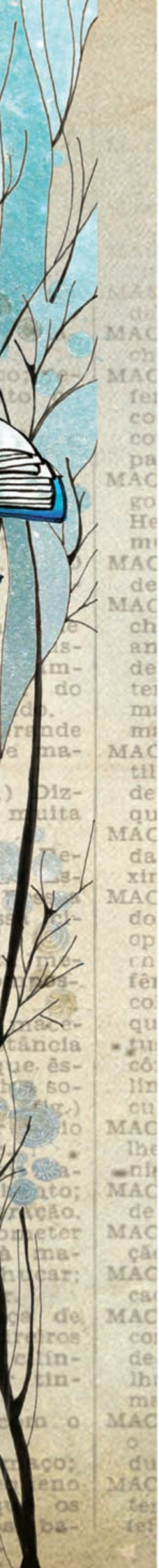
não podia entender as filigranas do jogo social e simbólico, movido pela terrível ironia machadiana. Li a narrativa como um leitor ingênuo, percebendo apenas o movimento da trama na superfície do texto, sem captar outras mensagens e alusões simbólicas e históricas. Mas, para um jovem, até mesmo a leitura superficial é importante, porque revela traços do estilo, da forma com que o autor organiza a narrativa e constrói personagens. E, quando isso agrada, a leitura flui e o leitor se interessa por outros livros do autor.

“A parasita azul” narra um dos tantos triângulos amorosos machadianos, mas a aparição da flor azul e seca desfaz o triângulo e traz novos elementos ao enredo, como as jogadas politiqueras e uma conjunção surpreendente de lugares e sociedades díspares: Paris e o interior de Goiás. Ou seja, a capital do mundo em contraste com um grotão da periferia desta América. A meu ver, é um dos primeiros contos que tratam dos disparates da sociedade brasileira, embora seja eivado de imaginação romântica e traços romanescos, como a paixão do protagonista Camilo por uma princesa moscovita e outras peripécias parisienses. Em algum momento o narrador se refere ao sonho do rival de Camilo como um “melodrama fantástico”, e isso, de algum modo, define o conto. Mas menciona também o “falar oblíquo e disfarçado”, e isso define a genialidade de Machado.

Depois de devorar as páginas das *Histórias da meia-noite*, a leitura de Coelho Neto e José Américo de Almeida foi um exercício tedioso, e, às vezes, uma flagelação da alma. Para um jovem, a leitura obrigatória de uma narrativa construída com uma linguagem extremamente rebuscada e cheia de adornos pode significar um rompimento radical com o prazer da leitura. E o prazer, que se irmana à curiosidade e ao conhecimento, é essencial para o leitor. Aliás, essencial para a vida.

Digo isso porque o segundo acaso, que me conduziu a uma biblioteca, começou com um desprazer: uma punição infligida por um professor de português no ginásio amazonense Pedro II. O castigo consistia em ler e fichar trechos d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha. Diante de um texto tão complexo, recorri a um leitor bem mais velho do que eu, a fim de que me ajudasse a decifrar uma obra encharcada de história, geografia e também de humanidade trágica: a





guerra fratricida no sertão da Bahia. Fui atrás de uma explicação e me deparei com uma grande biblioteca numa sala escavada. No porão sombrio do sobrado antigo e malconservado, apenas uma escrivaninha era aclarada por uma luz forte. Com uma lanterna, o professor focava as estantes de madeira, mostrando clássicos de várias épocas, inclusive edições raras, adquiridas em sebos do centro do Rio. Na catacumba de papel, vi romances e livros de poesia que desconhecia, e toda a coleção de literatura publicada pela antiga Livraria do Globo, de Porto Alegre. Lembro que lhe perguntei por que não iluminava o porão.

“Não tenho dinheiro”, disse o professor. “Mal consigo comer e manter a casa.”

Depois soube que ele fora cassado e banido da vida pública pelos militares, e vivia num ostracismo de dar dó. Na verdade, vivia numa prisão domiciliar, cuidando da mãe cega e quase centenária, ganhando uns tostões com aulas particulares.

Eu e um colega ginasiano passamos tardes inteiras assistindo às lições sobre a obra de Euclides. Descobrimos outro Brasil, tão diferente do Amazonas, e ao mesmo tempo profundamente ligado à região onde nasci e cresci, pois já na década de 1870 milhares de nordestinos haviam migrado para a Amazônia. Lembro com nitidez a voz rouca sentenciar que *Os sertões* era um grande compêndio sobre a sociedade brasileira, mas não um romance. Uma tosse de desesperado cortava-lhe a fala e ecoava na biblioteca. Mesmo assim, não tirava da boca o cigarro aceso, que piscava como um vaga-lume numa catacumba. Às vezes ele intuía um chamado de sua mãe, subia às pressas e só retornava meia hora depois. Nunca vi essa mulher. E ele nunca me convidou a entrar na sala da casa, ignorando minha curiosidade insaciável. Cheguei a pensar que essa mãe muito idosa era uma invenção para mitigar uma vida tão solitária.

Voltei várias vezes ao subsolo daquele sobrado para ler *Os sertões*, e saía de lá com livros que o professor me emprestava e depois comentava com paixão. E, três décadas depois, voltei para lá como um viajante imaginário, pois esse professor foi uma das fontes de um personagem de romance.

Hoje sei que o conto de Machado e o encontro com o mestre da província foram obras do acaso. Mas o acaso e o imprevisível não são igualmente importantes para a escrita e para o destino de um escritor?

Milton Hatoum é filho de imigrantes libaneses, nasceu em Manaus, em 1952, e mudou-se sozinho para Brasília aos 15 anos. Formado em arquitetura e urbanismo pela FAU-USP, consagrou-se como escritor com os livros *Relato de um certo oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000), nos quais revelou uma construção literária baseada em memórias familiares. Viveu na Espanha e na França antes de mudar-se definitivamente para São Paulo, em 1998. Em seu romance *Cinzas do norte* (2005), ganhador do prêmio Jabuti na categoria Livro do Ano, expõe sua visão íntima da geração que viveu sob a ditadura dos anos 1970. Com obras traduzidas em doze idiomas, está entre os autores brasileiros mais lidos no exterior.

Encontros e encantos – Guimarães Rosa*

Mia Couto

Rosa em Moçambique

Caros amigos:

Interrogo-me sobre o que poderei dizer sobre Guimarães Rosa, eu que venho de tão longe e quando tanto estudo abalizado foi já produzido sobre o grande escritor mineiro. Essa dúvida marcou a preparação desta minha fala.

Vocês conhecem o escritor brasileiro melhor do que eu e não teria nenhum sentido eu, moçambicano, vir ao Brasil filosofar sobre um autor brasileiro. Sobre-tudo, não sendo eu um estudioso de literatura nem brasileira nem nenhuma outra.

Decidi, então, que não iria falar de um escritor nem da sua escrita. Falaria, sim, das razões que creio assistirem a essa poderosa influência que João Guimarães Rosa teve em alguma da literatura africana de língua portuguesa. Falarei também da minha relação com a escrita, falarei da minha atitude perante a produção de histórias (com h minúsculo) e a desconstrução da História (com H maiúsculo).

Na realidade, reconheço algumas razões pessoais que fizeram do meu encontro com Rosa uma espécie de abalo sísmico na minha alma. Algumas dessas razões eu as reconheço hoje. Enunciarei a seguir essas razões, uma por uma:

Texto publicado no livro de Mia Couto. *E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções* – Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 107-119. (Reproduzimos conforme opção da editora por manter a grafia do português de Moçambique.)

* Intervenção
na Universidade
de Minas Gerais,
Belo Horizonte,
Brasil, 2007.



- A importância do escritor poder não ser escritor.

Rosa não foi apenas escritor. Enquanto médico e diplomata, ele visitou, e tardiamente, a literatura mas nela não fixou residência exclusiva e permanente. Ao ler Rosa percebe-se que, para se chegar àquela relação de intimidade com a escrita, é preciso ser-se escritor e muito escritor. Mas por um tempo é preciso ser-se um *não-escritor*.

É preciso estar livre para mergulhar no lado da não-escrita, é preciso capturar a lógica da oralidade, é preciso escapar da racionalidade dos códigos da escrita enquanto sistema de pensamento. Esse é o desafio de desequilibrista – ter um pé em cada um dos mundos: o da escrita e o da oralidade. Não se trata de visitar o mundo da oralidade. Trata-se de deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios.

- O exemplo de uma obra que se esquivou da obra.

João Guimarães Rosa não fez da literatura a sua carreira. Interessava-o sim a intensidade, a experiência quase religiosa. A maior parte dos seus nove livros foi publicada postumamente. Para Rosa não são os livros que importam, mas o processo da escrita. No momento em que ele se incorpora na instituição que simbolizava a solenidade da obra – a Academia Brasileira de Letras – essa luz parece ser demasiada e o faz sucumbir.

- A sugestão de uma língua que se liberta dos seus regulamentos.

Eu já bebia na poesia um gosto pela desobediência da regra, mas foi com o autor da *Terceira margem do rio* que eu experimentei o gosto pelo namoro entre língua e pensamento, o gosto do poder divino da palavra.

Mas decidi não falar de mim, nem de Rosa, nem de escritores. O meu propósito aqui é sobretudo entender por que razão um autor brasileiro influenciou tanto escritores africanos de língua portuguesa (o caso paradigmático será o Luandino Vieira, mas há outros como o angolano Boaventura Cardoso, os moçambicanos Ascêncio de Freitas e Tomaz Vieira Mário). Haverá por certo uma necessidade histórica para essa influência. Há razões que ultrapassam o autor. Haveria uma predisposição orgânica em Moçambique e Angola para receber essa influência, e essa predisposição está para além da literatura. Tentarei neste encontro listar alguns dos factores que podem ajudar a compreender o modo como Rosa se tornou referência no outro lado do mundo.

Primeira razão – A construção de um lugar fantástico

A palavra “sertão” é curiosa. A sonoridade sugere o verbo “ser” numa dimensão empolada. Ser tão, existir tanto. Os portugueses levaram a palavra para África e tentaram nomear assim a paisagem da savana. Não resultou. A palavra não ganhou raiz. Apenas nos escritos coloniais antigos se pode encontrar o termo “sertão”. Quase ninguém hoje, em Moçambique e Angola, reconhece o seu significado.

João Guimarães Rosa criou este lugar fantástico, e fez dele uma espécie de lugar de todos os lugares. O sertão e as veredas de que ele fala não são da ordem da geografia. O sertão é um mundo construído na linguagem. “O sertão”, diz ele, “está dentro de nós”. Rosa não escreve sobre o sertão. Ele escreve como se ele fosse sertão.

Em Moçambique nós vivíamos e vivemos ainda o momento épico de criar um espaço que seja nosso, não por tomada de posse, mas porque nele podemos encenar a ficção de nós mesmos, enquanto criaturas portadoras de História e fazedoras de futuro. Era isso a independência nacional, era isso a utopia de um mundo sonhado.

Segunda razão – A instauração de um outro tempo

Já vimos que o sertão é o não-território. Veremos que o seu tempo não é o vivido mas o sonhado. O narrador do *Grande sertão: veredas* diz: “Estas coisas de que me lembro se passaram tempos depois”. E ele poderia dizer de outro modo: as coisas importantes passam sempre para além do tempo.

O que Rosa perseguiu na escrita foi (estou citando) “essa coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, a que chamamos de ‘realidade’, e que é a gente mesmo, o mundo, a vida”. A transgressão poética é o único modo de escaparmos à ditadura da realidade. Sabendo que a realidade é uma espécie de recinto prisional fechado com a chave da razão e a porta do bom-senso.

Terceira razão – A construção do Estado centralizador e a recusa da homogeneidade

É importante situar em que contexto histórico João Guimarães Rosa escreve. Grande parte da obra *Rosiana* é escrita quando os brasileiros fazem nascer do “nada” uma capital no interior desse sertão (Brasília acabava de ser construída). O que estava ocorrendo era a consumação do controlo centralizado de uma realidade múltipla e fugidia.

Na realidade, o sertão de Rosa é erguido em mito para contrariar uma certa ideia uniformizante e modernizante de um Brasil em ascensão. O lugar distante e marginal, que é o planalto interior do Brasil, converte-se num labirinto artificialmente desordenado e desordenador.

Também Moçambique vive a lógica de um Estado centralizador, de processos de uniformização linguística e cultural. A negação dessa globalização doméstica é, muitas vezes, feita por via da sacralização daquilo que se chama tradição. África tradicional, África profunda e outras entidades folclorizadas surgem como espaço privilegiado da tradição, lugar congelado no tempo, uma espécie de nação que só vive estando morta.

O que a escrita de Rosa sugeria era uma espécie de inversão deste processo de recusa. Tratava-se não de erguer uma nação mistificada, mas da construção do mito como nação.

Quarta razão – A impossibilidade de um retrato de nação

Moçambique e Brasil são países que encerram dentro de si contrastes profundos. Não se trata apenas de distanciamento de níveis de riqueza, mas de culturas, de universos, de discursos tão diversos que não parecem caber numa mesma identidade nacional. A escrita de João Guimarães Rosa é uma espécie de viagem em cima dessa linha de costura. O que ele busca na escrita: um retrato do Brasil? Não. O que ele oferece é um modo de inventar o Brasil.

Com Mário de Andrade, João Guimarães Rosa é um dos fundadores da identidade territorial e cultural da nação brasileira. Ao contrariar uma certa ideia de modernização, Rosa acabou criando os pilares de uma outra modernidade estilística no Brasil. Ele fez isso numa altura em que a literatura brasileira estava prisioneira

de modelos provincianos, demasiado próxima do padrão de literatura portuguesa, espanhola e francesa. De uma similar prisão ansiávamos, também nós, por nos libertar.

O que Rosa instaura é o narrador como mediador de mundos. Riobaldo é uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana e letrada e a cultura sertaneja e oral. Esse é o desafio que enfrenta não apenas o Brasil, mas também Moçambique. Mais que um ponto de charneira necessita-se hoje de um médium, alguém que usa poderes que não provêm da ciência nem da técnica para colocar esses universos em conexão. Necessita-se da ligação com aquilo que João Guimarães Rosa chama de “os do lado de lá”. Esse lado está dentro de cada um nós. Esse lado de lá é, numa palavra, a oralidade.

Quinta razão – A necessidade de contrariar os excessos do realismo

Vivíamos em Moçambique e em Angola a aplicação esforçada do modelo estético e literário do realismo socialista. Nós mesmos fomos autores militantes, a nossa alma tomou partido e tudo isso nos parecia historicamente necessário. Mas nós entendíamos que havia uma outra lógica que nos escapava e que a literatura tinha razões que escapavam à razão política.

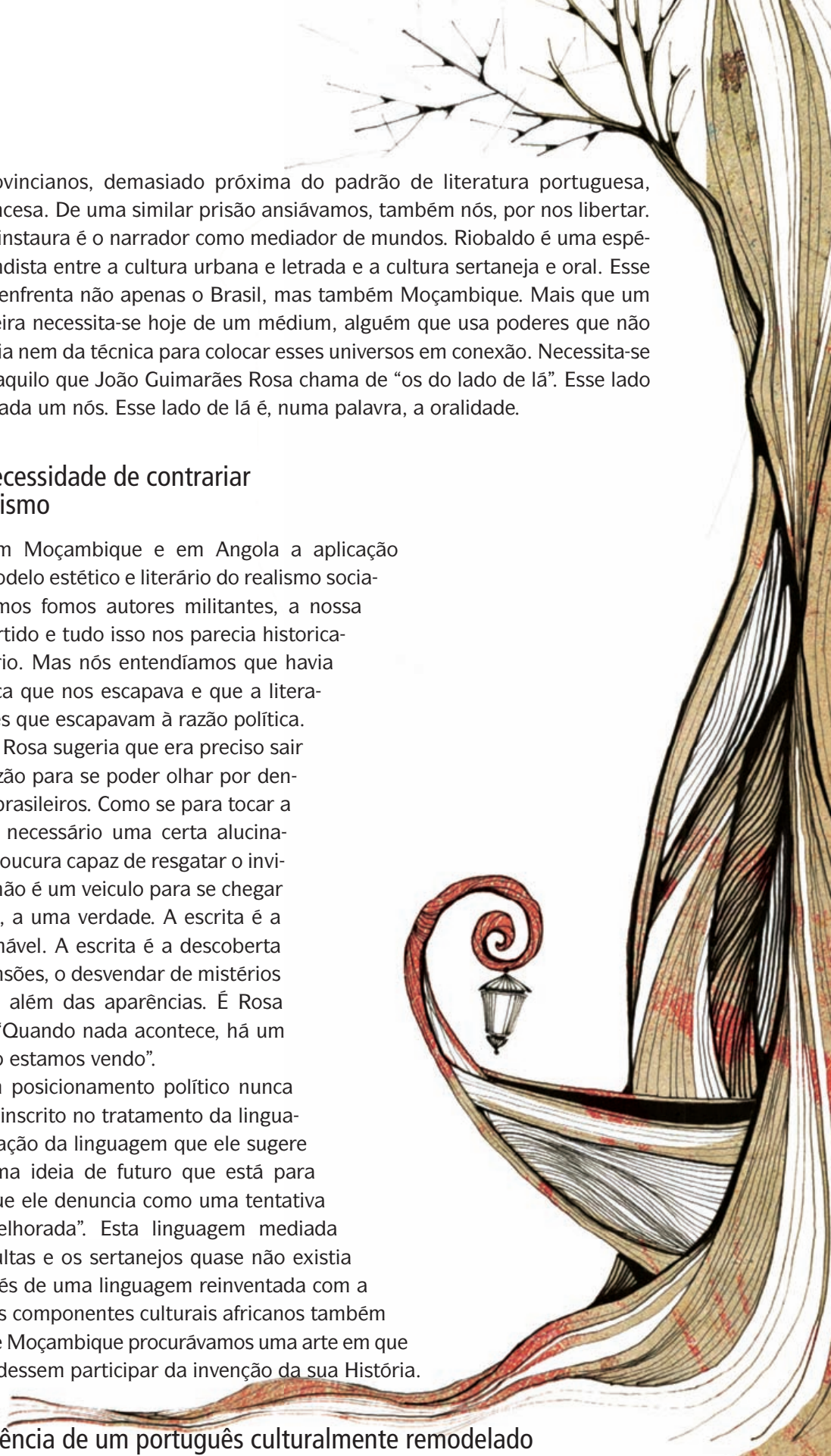
A leitura de Rosa sugeria que era preciso sair para fora da razão para se poder olhar por dentro a alma dos brasileiros. Como se para tocar a realidade fosse necessário uma certa alucinação, uma certa loucura capaz de resgatar o invisível. A escrita não é um veículo para se chegar a uma essência, a uma verdade. A escrita é a viagem interminável. A escrita é a descoberta de outras dimensões, o desvendar de mistérios que estão para além das aparências. É Rosa quem escreve: “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”.

Há aqui um posicionamento político nunca enunciado mas inscrito no tratamento da linguagem. É na recriação da linguagem que ele sugere uma utopia, uma ideia de futuro que está para além daquilo que ele denuncia como uma tentativa de “miséria melhorada”. Esta linguagem mediada entre classes cultas e os sertanejos quase não existia no Brasil. Através de uma linguagem reinventada com a participação dos componentes culturais africanos também nós em Angola e Moçambique procurávamos uma arte em que os excluídos pudessem participar da invenção da sua História.

Sexta razão – A urgência de um português culturalmente remodelado

Nós vivemos em Angola e Moçambique uma certa saturação de um discurso literários funcional. Mais que funcional: funcionário.

Numa entrevista com Günter Lorenz, Rosa revoltava-se contra a escrita panfletária e utilitarista da literatura, mesmo que isso fosse feito em nome da boa intenção de



mudar o mundo. “Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo. O que chamamos hoje linguagem corrente é um monstro morto. A língua serve para expressar ideias, mas a linguagem corrente expressa apenas clichês e não ideias; por isso está morta, e o que está morto não pode engendrar ideias.”

Para João Guimarães Rosa, a língua necessitava “fugir da esclerose dos lugares-comuns, escapar à viscosidade, à sonolência”. Não era uma simples questão estética mas era, para ele, o próprio sentido da escrita. Explorar as potencialidades do idioma, desafiando os processos convencionais da narração, deixando que a escrita fosse penetrada pelo mítico e pela oralidade.

“Guimarães Rosa inventou uma outra língua portuguesa. A sua obra é a criação de outra linguagem. O personagem mais importante de Rosa é a própria linguagem.” (Manoel de Barros)

Guimarães Rosa, como Manoel de Barros, trabalha fora do senso-comum (ele cria um senso-incomum), elabora no mistério denso das coisas simples, entrega-nos a transcendência da coisa banal.

Sétima razão – A afirmação da oralidade e do pensamento mágico

O autor insurge-se contra a hegemonia da lógica racionalista como modo único e exclusivo de nos apropriarmos do real. A realidade é tão múltipla e dinâmica que pede o concurso de inúmeras visões. Em resposta ao *to be or not to be* de Hamlet o brasileiro avança outra postura: “Tudo é e não é”. O que ele sugere é a aceitação da possibilidade de todas as possibilidades: o desabrochar das muitas pétalas, cada uma sendo o todo da flor.

Caros amigos:

Aventurei-me sobre possíveis razões dessa ponte mágica entrecriada entre o autor mineiro e os nossos autores africanos. Possivelmente, nada disto faz sentido. Essas razões valem para mim, com a minha história e a minha vivência.

O meu país tem países diversos dentro, profundamente divididos entre universos culturais e sociais variados. Eu mesmo sou a prova desse cruzar de mundos e de tempos. Sou moçambicano, filho de portugueses, vivi o sistema colonial, combati pela independência, vivi mudanças radicais do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Nasci num tempo de charneira, entre um mundo que nascia e outro que morria. Entre uma pátria que nunca houve e outra que ainda está nascendo. Essa condição de um ser de fronteira marcou-me para sempre. As duas partes de mim exigiam um médium, um tradutor. A poesia veio em meu socorro para criar essa ponte entre dois mundos aparentemente distantes.

E eu cresci nesse ambiente de mestiçagem, escutando os velhos contadores de histórias. Eles me traziam o encantamento de um momento sagrado. Aquela era a minha missa. Eu queria saber quem eram os autores daquelas histórias e a resposta era sempre a mesma: ninguém. Quem criara aqueles contos haviam sido os antepassados, e as histórias ficavam como herança divina. Naquele mesmo chão estavam sepultados os mais velhos, conferindo história e religiosidade àquela relação. Nessa moradia, os antepassados se convertem em deuses.

Por aquela razão, aquele momento agia em mim de maneira contraditória: por um lado, me aconchegava, por outro me excluía. Eu não podia partilhar por inteiro daquela conversa entre deuses e homens. Porque eu estava já carregado de Europa, minha alma já bebera de um pensamento. E os meus mortos residiam num outro chão, longínquo e inacessível.

Quando me pergunto porque escrevo eu respondo: para me familiarizar com os deuses que eu não tenho. Os meus antepassados estão enterrados em outro lugar distante, algures no norte de Portugal. Eu não partilho da sua intimidade e, mais grave ainda, eles me desconhecem inteiramente. O que faço hoje, sempre que escrevo, é inventar esses meus antepassados. Essa reinvenção pede artifícios que só a infância pode guardar. Uma reaprendizagem tão profunda implica uma perda radical de juízo. Isto é, implica a poesia.

E foi poesia o que me deu o prosador João Guimarães Rosa. Quando o li pela primeira vez experimentei uma sensação que já tinha sentido quando escutava os contadores de histórias da infância. Perante o texto, eu não lia simplesmente: eu ouvia vozes da infância. Os livros de João Guimarães Rosa atiravam-me para fora da escrita como se, de repente, eu me tivesse convertido num analfabeto selectivo. Para entrar naqueles textos eu devia fazer uso de um outro acto que não é “ler”, mas que pede um verbo que ainda não tem nome.

Mais que a invenção de palavras, o que me tocou foi a emergência de uma poesia que me fazia sair do mundo. Aquela era uma linguagem em estado de transe, que entrava em transe como os médiuns das cerimónias mágicas e religiosas. Havia como que uma embriaguez profunda que autorizava a que outras linguagens tomassem posse daquela linguagem. Exactamente como o dançarino da minha terra que não se limita a dançar. Ele prepara a possessão pelos espíritos. Ele cria o momento religioso em que emigra do seu próprio corpo.

Os contadores de histórias do meu país têm de proceder a um ritual quando terminam a narração. Têm de “fechar” a história. “Fechar” a história é um ritual em que o narrador fala com a própria história. Pensa-se que as histórias são retiradas de uma caixa deixada por Guambe e Dzavane, o primeiro homem e a primeira mulher. No final o narrador volta-se para a história – como se a história fosse uma personagem – e diz:

— *Volta para casa de Guambe e Dzavane.*

É assim que a história volta a ser encerrada nesse baú primordial.

O que acontece quando não se “fecha” a história? A multidão que assiste fica doente, contaminada por uma enfermidade que se chama a doença de sonhar. João Guimarães Rosa é um contador que não fechou a história. Ficamos doentes, nós que o escutamos. E amamos essa doença, esse encantamento, essa aptidão para a fantasia. Porque a todos não nos basta ter um sonho. Queremos mais, queremos ser um sonho.

Muito obrigado a vocês por me ajudarem a ser esse sonho.

Mia Couto (António Emílio Leite Couto) nasceu na Beira, em Moçambique, em 1955, e é um dos principais escritores africanos, comparado a Gabriel García Márquez, Guimarães Rosa e Jorge Amado. Seu romance *Terra sonâmbula* foi considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. Em 1999, o autor recebeu o prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra e, em 2007 o prêmio União Latina de Literaturas Românicas.



Indicações

para quem busca novidades para ler, ouvir, ver, falar, pensar e sonhar

Música/Discos

Ao pé do ouvido e na ponta da língua

“Os negros e os mulatos que têm suas vidas amarradas ao mar têm sido a minha mais permanente inspiração.”

Dorival Caymmi, na introdução do livro *Cancioneiro da Bahia*, em 1947.



Centenário de nascimento de Dorival Caymmi

As vozes harmoniosas de Nana, Dori e Danilo prestam uma sensível homenagem ao pai, Dorival Caymmi (1914-2008), com o CD *Nana, Dori e Danilo – Caymmi* (Som Livre, 2013), celebração musical e familiar pelo centenário do compositor a ser comemorado em 30 de abril de 2014. O trio brilha interpretando o repertório do cancioneiro baiano – *Quando eu durmo / Balaio grande; História pro sinhozinho; Modinha para Teresa Batista / Vamos falar de Teresa; Sereia / Rainha do mar; Caminhos do mar; Francisco Santos das Flores, Retirantes, Acaçá, Itapoã, Cantiga de cego, Fiz uma viagem, Roda pião, A mãe d' água e a menina* –, trilha sonora imperdível.

Saiba mais sobre a vida e a obra do compositor, cantor, escritor e pintor em <www.dorivalcaymmi.com.br>. Acesso em 5/12/2013.



Literatura

Na ponta da língua e ao alcance dos olhos

Maria Celeste C. Dezzotti, professora da Unesp, fez a tradução direto do grego de 383 fábulas, algumas delas vertidas pela primeira vez para o português, do livro *Esopo – Fábulas completas* (Cosac Naify, 2013). Dezzotti utilizou como fonte a compilação do editor Émile Chambry, profundo conhecedor da língua e da cultura gregas. A tradutora inovou ao apresentar a moral isolada da narrativa. Outra surpresa para o leitor é o caráter argumentativo da moral que abandona o rigor convencional de conduta ou comportamento: *“Esta fábula cai bem para aqueles que se entregam a uma alegre expectativa e vivem o contrário”*.

Ares contemporâneos também se fazem presentes nos desenhos de animais com traços humanos do jovem artista Eduardo Beliner.



ESCREVER BEM PARA ESCREVER UM FUTURO MELHOR.

Inclua, em 2014, no seu planejamento pedagógico de língua portuguesa, as atividades propostas no Caderno do Professor.

Memórias literárias

para alunos de 7º e 8º anos do Ensino Fundamental

Poema

para alunos de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental

Artigo de opinião

para alunos de 2º e 3º anos do Ensino Médio

Crônica

para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino Médio

A Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro está disponível na Comunidade Virtual
www.escrevendoofuturo.org.br

Fique atento:
inscrições a partir de 24 de fevereiro de 2014

Participe!
Informações: 08007719310
www.escrevendoofuturo.org.br

Parceria



Coordenação
Técnica



Iniciativa

